

Vocabulário da Psicanálise  
*Laplanche e Pontalis*

*Martins* Fontes

*Sao Paulo* - 2000

# PREFÁCIO

## RAZÕES E HISTÓRIA DESTA OBRA

A aversão contra a psicanálise exprime-se às vezes em sarcasmos dirigidos à sua linguagem. É claro que os psicanalistas não desejam ouso abusivo ou intempestivo de palavras técnicas para disfarçar a confusão do pensamento. Mas, como os ofícios e as ciências, também a psicanálise necessita de palavras próprias. Método de investigação e de tratamento, teoria do funcionamento normal e patológico do aparelho psíquico, como se poderia ter formulado a novidade das suas descobertas e das suas concepções sem recorrer a termos novos? Além do mais, pode-se dizer que qualquer descoberta científica não se forma moldando-se ao senso comum, mas para além dele ou contra ele; o escândalo da psicanálise não é tanto o lugar que concedeu à sexualidade como a introdução da fantasística inconsciente na teoria do funcionamento mental do homem em luta com o mundo e consigo mesmo; a linguagem comum não tem palavras para designar estruturas e movimentos psíquicos que não existem aos olhos do senso comum; foi preciso, pois, inventar palavras cujo número – entre duzentas e trezentas – varia como rigor da leitura dos textos e com os critérios do tecnicismo dos termos. Além da consulta dos escritos psicanalíticos, poucos recursos existem para apreender o sentido dessas palavras: glossários no final das obras didáticas, definições nos vocabulários ou dicionários de psicologia e de psicopatologia publicados nos últimos vinte ou trinta anos, mas praticamente pouco ou nenhum instrumento de trabalho especializado e completo; a obra que mais se aproximou foi o *Handwörterbuch der Psychoanalyse*, do Dr. Richard F. Sterba, cuja redação foi, pelas circunstâncias, interrompida na letra L e cuja impressão parou no termo ‘Größenwahn’. “Não sei”, escreveu-me o Dr. Richard F. Sterba, se isto se refere à minha megalomania ou à de I-fittler”; o Dr. Sterba teve a amabilidade de me enviar os cinco fascículos desta obra, que é rara, senão inacessível (Internationaler Psychoanalytische Verlag, 1936-1937); cite-se ainda um livro de espírito completamente diferente, coletânea alfabética de textos freudianos traduzidos para o inglês e publicada por Fodor e Gaynor em 1950 com um prefácio de Theodor Reik (Fodor N. e Gaynor F., *Freud: Dictiona,y of Psychoanalysis*, prefácio de Theodor Reik, Nova Iorque, Philosophical Library, 1950, XII + 208 páginas). V

## VOCABULÁRIO DA PSICANÁLISE

O principal da terminologia técnica da psicanálise é obra de Freud; foise enriquecendo ao mesmo tempo com as suas descobertas e com o seu pensamento. Ao contrário do que aconteceu na história da psicopatologia clássica, Freud pouco foi buscar no latim e no grego; recorreu, evidentemente, à psicologia, à psicopatologia, à neurofisiologia do seu tempo; mas foi sobretudo no alemão que ele foi procurar as suas palavras e fórmulas, aproveitando os recursos e comodidades que a sua própria língua lhe oferecia. E acontece que é difícil uma tradução fiel, e a terminologia analítica dá então uma impressão insólita que a língua de Freud não dá, se os recursos da língua do tradutor não forem sempre explorados; em outros casos é a simplicidade da expressão freudiana que torna imperceptível o seu tecnicismo. A verdadeira dificuldade não está aí, pois só acessoriamente se trata de uma dificuldade de ordem lingüística. Se o Freud escritor se mostrou inventivo, a verdade é que se preocupou pouco com a perfeição do seu vocabulário. Sem enumerar os tipos de dificuldades que se encontram, podemos limitar-nos a dizer que com a terminologia analítica acontece o mesmo que com muitas outras linguagens: são frequentes a polissemia e as sobreposições semânticas; nem sempre palavras diversas invocam idéias muito diferentes. Lutamos então com as palavras, mas não pelas palavras. Por trás das palavras, é preciso encontrar fatos, idéias, a organização conceitual da psicanálise. Tarefa que tanto a longa e fértil evolução do pensamento de Freud como a vastidão de uma literatura cujos títulos enchem já nove volumes da bibliografia de Grinstein tornam laboriosa. Além disso, como as idéias, as palavras não se limitam a nascer, elas têm um destino; algumas caem em desuso ou são menos utilizadas, cedendo a sua freqüência a outras que correspondem a novas orientações da investigação e da teoria. No entanto, o essencial da terminologia freudiana resistiu ao tempo; as inovações, aliás pouco numerosas, implantaram-se nela sem lhe alterar a organização e a tonalidade. Logo, um vocabulário não pode limitar-se a definições que distingam os diversos sentidos de que os termos psicanalíticos se puderam revestir; é preciso um comentário apoiado em referências e citações que justifiquem as propostas apresentadas. Esse comentário implica uma extensa consulta da literatura, mas sobretudo o conhecimento dos escritos freudianos, já que é exatamente nos escritos freudianos que se encontram as bases da conceituação e da terminologia, e visto que as dimensões da literatura desafiam as possibilidades de um investigador isolado ou de uma equipe pouco numerosa. Depois, tal vocabulário não pode assentar apenas na erudição, exige especialistas familiarizados com a experiência psicanalítica. No entanto, uma orientação para além das palavras, dirigida aos fatos e às idéias, não nos deve levar a cair num dicionário de conhecimentos. Finalmente, trata-se de recensear acepções, de esclarecê-las umas através das outras, de lhes assinalar as dificuldades

sem pretender decidir, inovando pouco –por exemplo, para propor traduções mais fiéis, O método conveniente é antes de mais nada histórico-crítico, como o do *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, de André Lalande. Eram estas as intenções iniciais

## PREFÁCIO

quando, por volta de 1937-1939, se começou a executar o projeto de um vocabulário da psicanálise. Os dados recolhidos perderam-se; as circunstâncias, outras tarefas, a ausência de documentação, condenaram o projeto ao adormecimento, senão ao abandono, adormecimento incompleto na medida em que as preocupações terminológicas não estiveram ausentes de diversos trabalhos, O despertar só se consumou em 1958, sempre no espírito histórico-crítico do *Vocabulaire de la philosophie*, de Lalande, embora com diferentes modalidades.

Depois de algumas tentativas, as necessidades da tarefa e o desejo de atingir o fim encontraram uma resposta na colaboração de J. Laplanche e de J.-B. Pontalis. A consulta da literatura psicanalítica e a reflexão sobre os textos, a redação dos projetos de artigos, a revisão desses projetos e o seu acabamento exigiram deles perto de oito anos de trabalho, trabalho fecundo, decerto, mas também avassalador e por vezes fastidioso. A maior parte dos projetos de artigos foram lidos e discutidos entre nós, e guardo vivas recordações da animação daquelas conversas durante as quais o bom entendimento não temia as divergências de pontos de vista e em nada prejudicava um rigor sem concessões- Sem o esforço de “pioneiros” como Laplanche e Pontalis, o projeto concebido há vinte anos não se teria transformado neste livro.

No decurso destes anos de labor, sobretudo dos últimos, a orientação da obra não deixou de sofrer alterações, o que é sinal não de fraqueza, mas de vitalidade. Foi assim que Laplanche e Pontalis centraram cada vez mais as suas pesquisas e a sua reflexão nos escritos freudianos, recorrendo naturalmente aos primeiros textos psicanalíticos e ao *Projeto para uma psicologia científica* de 1895, que acabava de ser publicado. O fato de se ter conferido a maior importância ao nascimento das idéias e dos termos não diminuiu, porém, a preocupação com o seu destino e com o seu alcance. O *Vocabulário da psicanálise* apresenta assim a marca pessoal de Laplanche e de Pontalis, sem trair os princípios que inspiravam o projeto inicial da obra.

A sua finalidade foi e continua sendo a de preencher uma lacuna, satisfazer uma necessidade por nós sentida, por outros reconhecida e raramente negligenciada. Deseja-se que seja *útil*, que se torne um instrumento de trabalho para os pesquisadores e para os estudantes de psicanálise, tal como para outros especialistas ou para os curiosos. Por mais trabalho e consciência que tenhamos posto na sua elaboração, os leitores informados, atentos e exigentes por certo descobrirão nele lacunas, erros de fato ou de interpretação: se esses leitores nos comunicarem suas críticas, elas não se perderão, antes serão acolhidas calorosamente e estudadas com interesse. Por outro lado, o objeto o conteúdo e a forma do *Vocabulário* parecem não impedir sua tradução para outras línguas, Observações, críticas, traduções irão responder a uma segunda ambição: a de que o *Vocabulário da psicanálise* seja não apenas um ‘instrumento de trabalho’, mas também um “documento de trabalho,

D. L.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho incide sobre os principais conceitos da psicanálise e implica um certo número de opções:

1ª Na medida em que a psicanálise renovou a compreensão da maioria dos fenômenos psicológicos e psicopatológicos, e mesmo a do homem em geral, seria possível, num manual alfabético que se propusesse abarcar o conjunto das contribuições psicanalíticas, tratar não apenas da libido e da transferência, mas do amor e do sonho, da delinquência ou do surrealismo. A nossa intenção foi completamente diferente: preferimos deliberadamente analisar o aparelho nocional da psicanálise, isto é, o conjunto dos conceitos por ela progressivamente elaborados para traduzir as suas descobertas. O que este *Vocabulário* visa não é tudo o que a psicanálise pretende explicar, mas aquilo de que ela se serve para explicar.

2ª A psicanálise nasceu há quase três quartos de século, O movimento” psicanalítico conheceu uma história longa e tormentosa, criaram-se grupos de analistas em numerosos países, onde a diversidade dos fatores culturais não podia deixar de repercutir nas próprias concepções. Em vez de recensar a multiplicidade, pelo menos aparente, das acepções diversas através do tempo e do espaço, preferimos retomar na sua originalidade própria as noções às vezes já insípidas e obscurecidas, e atribuir por esse fato uma importância privilegiada ao momento da sua descoberta.

3ª Este preconceito levou-nos a nos referirmos, quanto ao essencial, à obra primordial de Sigmund Freud. Uma pesquisa, mesmo parcial, levada a efeito através da massa imponente da literatura psicanalítica só contribui para verificar até que ponto a grande maioria dos conceitos por ela utilizados encontra a sua origem nos escritos freudianos. Também neste sentido o nosso *Vocabulário* se distingue de um empreendimento de intenções enciclopédicas.

Esta mesma preocupação de reencontrar as fundamentais contribuições conceituais implica tomarmos em consideração outros autores além de Freud. Foi assim que, para citarmos apenas um exemplo, apresentamos um certo número de conceitos introduzidos por Melanie Klein.

4ª No campo da psicopatologia, a nossa escolha guiou-se por três princípios:

a) Definir os termos criados pela psicanálise, quer o seu uso se tenha conservado (ex.: *neurose de angústia*), quer não (ex.: *histeria de retenção*); **IX**

### VOCABULÁRIO DA PSICANÁLISE

b) Definir os termos utilizados pela psicanálise numa acepção que difere ou já diferiu da acepção psiquiátrica geralmente admitida (ex.: *parandia*, *parafrenia*);

e) Definir os termos que têm exatamente a mesma acepção em psicanálise e na clínica psiquiátrica, mas que possuem um valor axial na nosografia analítica; por exemplo: *neurose*, *psicose*, *perversão*. De fato fazíamos questão de fornecer, pelo menos, balizas para o leitor pouco familiarizado com a clínica.

\*

Os artigos são apresentados por ordem alfabética. Para acentuar as relações existentes entre os diferentes conceitos, recorremos a duas convenções: a expressão *ver este termo* significa que o problema encarado é igualmente abordado ou tratado, às vezes de maneira mais completa, no artigo para que se remete; o asterisco \* indica simplesmente que o termo a que está apostado é definido no *Vocabulário*. Gostaríamos assim de convidar o leitor a estabelecer por si mesmo relações significativas entre as noções e a orientar-se nas redes de associações da linguagem psicanalítica. Pensamos ter evitado assim uma dupla dificuldade: o arbítrio a que uma classificação puramente alfabética poderia conduzir e o obstáculo, mais freqüente, do dogmatismo ligado aos enunciados de feição hipotético-dedutiva. Desejamos que possam assim surgir séries, relações internas, “pontos nodais” diferentes daqueles em que se baseiam as apresentações sistemáticas da doutrina freudiana.

Cada termo é objeto de uma definição e de um comentário. A *&finiç&* tenta condensar a acepção do conceito, tal como ressalta do seu uso rigoroso na teoria psicanalítica. O *comentário* representa a parte crítica e essencial do nosso estudo. O método que aqui utilizamos poderia ser definido por três palavras: história, estrutura e problemática. História: sem nos restringirmos a uma ordem de apresentação rigorosamente cronológica, quisemos indicar para cada um dos conceitos as suas origens e as principais fases da sua evolução. Tal demanda das origens não tem, em nosso entender, um interesse de simples erudição: é impressionante ver os conceitos fundamentais esclarecerem-se, reencontrarem as suas arestas

vivas, os seus contornos, as suas recíprocas articulações, quando os confrontamos de novo com as experiências que lhes deram origem, com os problemas que demarcaram e infletiram a sua evolução. Esta investigação histórica, embora apresentada isoladamente para cada conceito, remete evidentemente para a história do conjunto do pensamento psicanalítico. Não pode pois deixar de considerar a situação de determinado elemento relativamente à estrutura em que se situa. Por vezes, parece fácil descobrir esta função, pois é explicitamente reconhecida na literatura psicanalítica. Mas, frequentemente, as correspondências, as oposições, as relações, por mais indispensáveis que sejam para a apreensão de um conceito na sua originalidade, são apenas implícitas; para citar exemplos parti-

1

## INTRODUÇÃO

cularmente eloquentes, a oposição entre “pulsão” e instinto”, necessária para a compreensão da teoria psicanalítica, em nenhum lugar é formulada por Freud; a oposição entre “escolha por apoio” de objeto (ou anaclítica) e “escolha narcísica de objeto”, embora retomada pela maior parte dos autores, nem sempre é relacionada com aquilo que em Freud a esclarece: o “apoio” ou “análise” das “pulsões sexuais” sobre as funções de “autoconservação”; a articulação entre “narcisismo” e “auto-erotismo”, sem a qual não se pode situar estas duas noções, perdeu rapidamente a sua primitiva nitidez, e isto até no próprio Freud. Por fim, certos fenômenos estruturais são muito mais desconcertantes: não é raro que na teoria psicanalítica a função de determinados conceitos ou grupos de conceitos se ache, numa fase posterior, transferida para outros elementos do sistema. Só uma *interpretação* nos pode permitir reencontrar, através de tais permutas, certas estruturas permanentes do pensamento e da experiência psicanalíticas. O nosso comentário tentou, a propósito das noções principais que ia encontrando, dissipar ou, pelo menos, esclarecer as suas ambigüidades e explicitar eventualmente as suas contradições; é raro que estas não desemboquem numa problemática suscetível de ser reencontrada ao nível da própria experiência. De uma perspectiva mais modesta, esta discussão permitiu-nos pôr em evidência um certo número de dificuldades propriamente terminológicas e apresentar algumas propostas destinadas a estabelecer a terminologia de língua francesa, a qual é ainda com muita frequência pouco coerente.

\*

No início de cada artigo, indicamos os *equivalentes* em língua alemã (*D.*), inglesa (*Eu.*), espanhola (*Es*), italiana (*I*) e portuguesa (1).

As notas e referências vão colocadas no fim de cada artigo. As *notas* são indicadas por letras gregas, e as *referências* por números.

As passagens citadas foram traduzidas (2) pelos autores bem como os títulos das obras a que se faz referência no decorrer do texto. [Na edição brasileira, procuramos citar as obras de Freud com os títulos que elas receberam na Edição Standard brasileira quando não havia conflito com a tradução proposta pelos autores.]

**J. L. e J.-B. P.**

Na nossa tradução, substituímos evidentemente o equivalente português pela expressão francesa (*Fj*). Aliás, manteve-se em geral a terminologia portuguesa proposta pela edição original; apenas normalmente por raras discrepâncias entre a linguagem psicanalítica utilizada em Portugal e no Brasil [ver “Nota do editor para a edição brasileira”], se modificaram ou se acrescentaram algumas variantes, por sugestões do tradutor, que tiveram o acordo do psicanalista Dr. João dos Santos, cuja gentil colaboração vivamente agradecemos. (N. E.)

2. Dessa tradução francesa resultou logicamente a versão portuguesa que propomos,

{N. ‘li **XI**

## NOTA DO EDITOR PARA A EDIÇÃO BRASILEIRA

A atual edição é a primeira versão brasileira daquele texto revisto e adaptado à linguagem do país e à terminologia psicanalítica consagrada entre nós. Na adaptação brasileira a terminologia proposta pelo tradutor só foi alterada em função de uso consagrado e unívoco dos termos. Procuramos sempre consultar as traduções brasileiras existentes, dando especial atenção às obras de Freud. No caso da existência de vários termos de uso corrente para o mesmo conceito lançamos mão de remissão. Usamos também esse recurso no caso de conflito entre os termos usuais e aqueles pelos quais o rigor conceitual e a fidelidade ao pensamento freudiano nos levaram a optar. Sempre, no entanto, a fundamentação teórica apresentada pelos autores para a tradução dos conceitos de Freud teve – evidentemente – peso determinante nas decisões sobre a fixação da terminologia psicanalítica proposta nesta versão do vocabulário. Os verbetes acrescidos nesta edição brasileira com a única finalidade de esclarecer ambigüidades de vocabulários apresentam-se sempre entre colchetes.

A revisão técnica foi realizada pelo Dr. Luiz Carlos Menezes, que contou também com a colaboração dos seguintes especialistas (tradutores e psicanalistas), consultados a propósito de alguns verbetes: Paulo Sérgio Rouanet (a quem devemos a sugestão do uso de “a posteriori” como equivalente de *Nachträglichkeit*), Paulo César Souza, Cláudia Berliner, Minam Schnaidernan, Manoel Bertinck, Renato Mezan e Ricardo Goldenberg, a quem agradecemos a valiosa participação.

### XIII

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos aqueles que exprimiram o seu interesse por esta obra e contribuíram para a sua elaboração.

O *Vocabulaire alknand-angkuis*, reeditado em 1943 por Mix STRACHEY, foi para nós desde longa data, um instrumento de trabalho dos mais úteis, embora escasso. Mas como havemos de prestar homenagem à Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, traduzida e publicada sob a direção do Prof. James STRACHEY, e com a colaboração de Anna FREUD e a assistência de Mix STRACHEY e Alan TYSON, senão afirmando o interesse com que acolhemos cada um dos seus volumes? As traduções e anotações, o aparato crítico, os índices, fazem dessa grande obra uma incomparável fonte de referências para a investigação.

Quanto à escolha dos equivalentes estrangeiros, o *Vocabulário da psicanálise* beneficiou-se ainda do concurso do Dr. Angel GARMA, do Dr. Fidias R. CESTIO e da Dra. Maria LANGER para os equivalentes espanhóis; do Dr. Elvio FACHINELLI (Milão), tradutor italiano de Freud, com a assistência de Michel DAVID, leitor de francês na Universidade de Pádua, para os equivalentes italianos; da Sra. Elza RIBEIRO HAWELKA e do Dr. Durval MAR- CONDES para os equivalentes portugueses.

Do princípio ao fim, a Sra. Elza RIBEIRO HAWELKA, colaboradora técnica da Cadeira de Psicologia Patológica da Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Paris (Sorbonne), foi uma auxiliar dedicada, notável pela sua diligência, pelo seu cuidado e pela sua experiência de diversas línguas. A mesma dedicação nos foi testemunhada por Françoise LAPLANCHE, desde a primavera de 1965, e, a partir de janeiro de 1966, por Evelyie CHATELLIER, colaboradora técnica do Centre National de la Recherche Scientifique, agregada ao Laboratório de Psicologia Patológica.

A obra recebeu assim o apoio direto e sobretudo indireto da Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Paris (Sorbonne) e do Centre National de la Recherche Scientifique. Não podemos esquecer a estimulante acolhida que os editores da *Presses Universitaires de France* dispensaram desde 1959 ao projeto de um *Vocabulário da psicanálise*, boa acolhida que não se desmentiu quando as dimensões da obra atingiram quase o dobro das previsões iniciais.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## E ABREVIATURAS

As referências bibliográficas figuram no fim de cada artigo. Segue-se a explicação das abreviaturas utilizadas.

### 1. – OBRAS DE FREUD

**G.W.** – *Gesammelte Werke*, 18 vol., Londres, Imago, 1940-1952.

**SE.** – *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, ed. por James STRACHEY, 24 vol., Londres, Hogarth Press, 1953-1966.

No caso particular de 1887-1902, *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*, e de 1895, *Entwurf einer Psychologie*:

**AI.** – remete para *Aus den Anfängen der Psychoanalyse, Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902*, Londres, Imago, 1950;

**Ing.** – remete para *The Origins of Psychoanalysis*, Londres, Imago, 1954.

**Fr.** – Como não existe edição francesa de obras completas, tivemos de com remeter para as traduções francesas existentes. Segue-se a respectiva lista, com o título dos diversos volumes ou das revistas em que figuram:

[A versão brasileira da SE. foi publicada por Imago, Rio de Janeiro com o título Edição Standard brasileira das obras psicológicas com preta de Sigmund Freud.]

1887-1902 *Aus den Anfängen der Psychoanalyse (La naissance de la psychoanalyse, lettres à Wilhelm Fliess, notes et plans)*, Paris, P.U.F., 1956. [E.S.B.:

*Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*, vol. 1, p. 243 (N. E. Br.).]

1893 *Liber den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene*, em col. com

**J. BREUER** (*Les mécanismes psychiques des phénomènes hystériques*),

*Etudes sur l'hystérie*, Paris, P.U.F., 1956, pp. 1-13. [E.S.B.: *Sobre o mecanismo psíquico dos fenómenos histericos: comunicação preliminar*, vol. II, p. 43 (N. E. Bri.)]

1895 *Studien über Hysterie (Etudes sur l'hystérie)*, em col. com **J. BREUER**,

Paris, P.U.F., 1956. [E.S.B.: *Estudos sobre a histeria*, vol. II, pp. 43 ss.

(N. E. Br.).]

1895 *Entwurf einer Psychologie (Esquisse d'une psychologie scientifique)*, in *Li*

*naissance de la psychanalyse, lettres à Wilhelm Fliess, notes et plans*, Paris P.U.F., 1956, pp. 307-396.

[E.S.B.: *Projeto para uma psicologia científica* vol. 1, p. 381 (N. E. Br.)]

1900 *Die Traumdeutung (La science des rêves)*, Paris, P.U.F., 1950. [E.S.B.:

*A interpretação de sonhos*, vols. IV e V (N. E. Br.).] XVII

### VOCABULÁRIO DA PSICANÁLISE

1901 *Über den Traum (Le rêve et son interprétation)*, Paris, Gallimard, 1925.

[E.S.B.: *Sobre os sonhos*, vol. V, p. 671 (N. E. Br.).]

1901 *Zur Psychopathologie des Alltagslebens (Psychopathologie de la vie quotidienne)*, Paris, Payot, 1948. [E.S.B.: *A psicopatologia da vida cotidiana*,

vol. VI (N. E. Br.)]

1904 *Die Freud'sche psychoanalytische Methode (La méthode psychanalytique de*

*Freud)*, in *la technique psychanalytique*, Paris, P.U.F., 1953, pp. 1-8.

[E.S.B.: *O método psicanalítico de Freud*, vol. VII, p. 257 (N. E. Bri)]

1904 *Über Psychotherapie (De la psychothérapie)*, in *De la technique psychanalytique*, Paris, P.U.F., 1953, pp. 9-22. [E.S.B.: *Sobre a psicoterapia*, vol.

VII, p. 267 (N. E. Br.).]

1905 *Bruchstück einer Hysterie-Analyse (Fragment d'une analyse d'hystérie:*

*Lk,m)*, in *Cinq psychanalyses*, Paris, P.U.F., 1954, pp. 1-91. [E.S.B.: *Fragmento da análise de um caso de histeria*, vol. VII, p. 5 (N. E. Br.).]

1905 *L)rei Abhandlungen zur Sexualtheorie (Trois essais sur la théorie de la sexualité)*, Paris,

Gallimard, col. "Idées", 1962. [E.S.B.: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, vol. VII, p. 129 (N.E. Br.).]

1905 *&r Witz und seine Beziehung zum Unbewussten (Le mot d'esprit et ses*

*rappports avec l'inconscient)*, Paris, Gauimard, 1953. [E.S.B.: *Os chistes*

*e sua relação com o inconsciente*, vol. VIII (N. E. Br.)]

1906 *Tatbestandsdiagnostik und Psychoanalyse (La psychanalyse et l'établissement des faits en matière judiciaire par une méthode diagnostique)*, in *Essais de psychoanalyse appliquée*, Paris, Gallimard,

1933, pp. 43-58. [E.S.B.: *A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos*, vol. IX, p. 105 (N. E. Br.).]

1907 *Der Wahn und die Triume in W Jensens "Gradiva" (Délires et rêves dans la "Gradiva" de Jensen)*, Paris, Gallimard, 1949. [E.S.K: *Delírios e sonhos na "Gradiva" de Jensen*, vol. IX, p. 17 (N. E. Br.).]

1907 *Zwangshandlungen und Religionsübungen (Actes obsés&znts et exercices religieux)*, in *L'avenir d'une illusion*, Paris, Denoél & Steele, 1932, pp. 157-183. [E.S.B.: *Atos obsessivos e práticas religiosas*, vol. IX, p. 121 (N. E. Br.).]

1908 *Der Dichter und das Phantasieren (La création littéraire et le ré éveillé)*, in *Essais de psychanalyse appliquée*, Paris, Gallimard, 1933, pp. 69-82. [E.S.B.: *Escritores criativos e devaneio*, vol. IX, p. 149 (N. E. Br.).]

1909 *Analyse der Phobie einesfünfjährigen Knaben (Analyse d'une phobie d'un petit garçon de cinq ans: Le petit Hans)*, in *Cinq psychanalyses*, Paris, P.U.F., 1954, pp. 93-198. [E.S.B.: *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, vol. X, p. 15 (N. E. Bri.)]

1909 *Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose (Remarques sur un cas de névrose obsessionnelle: L'homme aux rats)*, in *Cinq psychanalyses*, Paris, P.U.F., 1954, pp. 199-261. [E.S.B.: *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, vol. X, p. 159 (N. E. Br.).]

1909 *Über Psychoanalyse*, reed. com o título *Cinq leçons sur la psychanalyse*, a seguir a *Psychologie collective et analyse du moi*, Paris, Payot, 1950, pp. 117-177. [E.S.B.: *Cinco lições de psicanálise*, vol. XI, p. 13 (N. E. Br.).]

1910 *Beiträge zur Psychologie des Liebeslebens: 1. Über einen besonderen Typus der Objektwahl beim Manne (Contribution à la psychologie de la vie amoureuse: L D'un type particulier de choix objectal chez l'homme)*, in *R.F.P.*, 1936, 9, n? 1, pp. 2-10. [E.S.B.: *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I)*, vol. XI, p. 149 (N. E. Br.).]

1910 *Die zukünftigen Chancen der psychoanalytischen Therapie (Perspectives XVIII d'avenir de la thérapeutique analytique)*, in *De la technique psych:analyti*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ABREVIATURAS

*que*, Paris, P.U.F., 1953, pp. 23-34. [E.S.B.: *Asperspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*, vol. XI, p. 127 (N. E. Br.).]

1910 *Über "wilde" Psychoanalyse (A propos de la psychanalyse dite "sauvage")*, in *De la technique psychanalytique*, Paris, P.T.J.F., 1953, pp. 35-42. [E.S.B.: *Psicanálise "silvestre"*, vol. XI, p. 207 (N. E. Br.).]

1910 *Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci (Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci)*, Paris, Gallimard, 1927. [E.S.B.: *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*, vol. XI, p. 59 (N. E. Br.).]

1910 *Über den Gegensinn der Urworte (Des sens opposés dans les mots primitifs)*, in *Essais de psychanalyse appliquée*, Paris, Gallimard, 1933, pp. 59-68. [E.S.B.: *A significação antitética das palavras primitivas*, vol. XI, p. 141 (N. E. Br.).]

1911 *Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoides) (Remarques psychanalytiques sur l'autobiographie d'un cas de paranoïz (Dementia paranoides): Le Président Schreber)*, in *Cinq psychanalyses*, Paris, P.U.F., 1954, pp. 263-324. [E.S.B.: *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)*, vol. XII, p. 23 (N. E. Br.).]

1911 *Die Handhabung der Traumdeutung in der Psychoanalyse (Le maniement de l'interprétation des rêves en psychanalyse)*, in *De la technique psychanalytique*, Paris, P.U.F., 1953, pp. 43-49. [E.S.B.: *O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise*, vol. XII, p. 121 (N. E. Br.).]

1912 *Zur Dynamik der Übertragung (La dynamique du transfert)*, in *De la technique psychanalytique*, Paris, P.U.F., 1953, pp. 50-60. [E.S.B.: *A dinâmica da transferência*, vol. XII, p. 133 (N. E. Br.).]

1912 *Beiträge zur Psychologie des Liebeslebens: II. Über die allgemeinste Erniedrigung des Liebeslebens (Contributions à la psychologie de la vie amoureuse: II. Considérations sur le plus commun des ravalements de la vie amoureuse)*, in *R.F.P.*, 1936, IX, n? 1, pp. 10-21. [E.S.B.: *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II)*, vol. XI, p. 163 (N. E. Br.).]

1912 *Ratschläge für den Arzt bei der psychoanalytischen Behandlung (Conseils aux médecins sur le traitement psychanalytique)*, in *De la technique psychanalytique*, Paris, P.U.F., 1953, pp. 61-71. [E.S.B.: *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, vol. XII, p. 149 (N. E. Br.).]

1912 *Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse (Quelques observations sur le concept d'inconscient en psychanalyse)*, in *Métapsychologie*, Paris, Gallimard, 1940, pp. 9-24. [E.S.B.: *Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise*, vol. XII, p. 327 (N. E. Br.).]

- 1912 *Totem und Tabu (Totem et tabou)*, Paris, Payot, 1947. [E.S.B.: *Totem e tabu*, vol. XIII, p. 17 (N. E. Er.)]
- 1913 *Zur Einleitung der Behandlung (Le début du traitement)*, in *De la technique psychanalytique*, Paris, P.U.F., 1953, pp. 80-104. [E.S.B.: *Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)*, vol. XII, p. 164 (N. E. Br.)]
- 1913 *Die Disposition zur Zwangsneurose (La prédisposition à la névrose obsessionnelle)*, in *R.F.P.*, 1929, 3, n? 3, pp. 437-447. [E.S.B.: *A disposição à neurose obsessiva*, vol. XII, p. 399 (N. E. Br.)]
- 1914 *Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung (Contribution à l'histoire du mouvement psychanalytique)*, in *Essais de Psychanalyse*, Paris, Payot, 1936 (It ai.), pp. 266-320. [E.S.B.: *A história do movimento psicanalítico*, vol. XIV, p. 16 (N. E. Br.)]
- 1914 *Etinnern, Wiederholen und Durcharbeiten (Remémomtion, répétition et élaboration)*, in *De la technique psychanalytique*, Paris, P.U.F., 1953, pp. XIX

#### VOCABULÁRIO DA PSICANÁLISE

- 105-115. [E.S. B.: *Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)*, vol. XII, p. 193 (N. E. Br.)]
- 1915 *Triebe und Triebchicksale (Les pulsions et leurs destins)*, in *Métapsychologie*, Paris, Gallimard, 1952, pp. 25-66. [E.S.B.: *Os instintos e suas vicissitudes*, vol. XIV, p. 137 (N. E. Br.)]
- 1915 *Mitteilung eines der psychoanalytischen Theorie widersprechenden Falles von Paranoia (Un cas de paranoia qui contredisait la théorie psychanalytique de cette affection)*, in *R.F.P.*, 1935, 8, n? 1, pp. 2-11. [E.S.B.: *Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença*, vol. XIV, p. 297 (N. E. Br.)]
- 1915 *Die Verdringung (Le refoulement)*, in *Métapsychologie*, Paris, Gallimard, 1952, pp. 67-90. [E.S.B.: *Repressão*, vol. XIV, p. 169 (N. E. Br.)]
- 1915 *Das Unbewusste (L'inconscient)*, in *Métapsychologie*, Paris, Gallimard, 1952, pp. 91-161. [E.S.B.: *O inconsciente*, vol. XV, p. 191 (N. E. Br.)]
- 1915 *Bemerkungen über die Übertragungsliebe (Observations sur l'amour de transfert)*, in *De la technique psychanalytique*, Paris, P.U.F., 1953, pp. 116-130. [E.S.B.: *Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)*, vol. XII, p. 208 (N. E. Br.)]
- 1915 *Zeitgemässes aber Krieg und Tod (Considérations actuelles sur la guerre et la mort)*, in *Essais de psychanalyse*, Paris, Payot, 1951, pp. 219-250. [E.S.B.: *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, vol. XIV, p. 311 (N. E. Br.)]
- 1916 *Einige Charaktertypen aus der psychoanalytischen Arbeit (Quelques types de caractères dégagés par la psychanalyse)*, in *Essais de Psychanalyse*, Paris, Gallimard, pp. 105-136. [E.S.B.: *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico*, vol. XIV, p. 351 (N. E. Br.)]
- 1916-1917 *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse (Introduction à la psychanalyse)* Paris, Payot, 1951. [E.S.B.: *Conferências introdutórias sobre psicanálise* vols. XV e XVI (N. E. Br.)]
- 1917 *Über Triebumsetzungen insbesondere der Analerotik (Sur les transformations des pulsions, particulièrement dans l'érotisme anal)*, in *R.F.P.*, 1928, 2, n? 4, pp. 609-616. [E.S.B.: *As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal*, vol. XVII, p. 159 (N. E. Br.)]
- 1917 *Traner und Melancolie (Deuil et mélancolie)*, in *Métapsychologie*, Paris, Gallimard, 1952, pp. 189-222. [E.S.B.: *Luto e melancolia*, vol. XIV, p. 275 (N. E. Br.)]
- 1917 *Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre (Complément métapsychologique à la doctrine des rêves)*, in *Métapsychologie*, Paris, Gallimard, 1952, pp. 162-188. [E.S.B.: *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*, vol. XIV, p. 253 (N. E. Br.)]
- 1917 *Hine Schwierigkeit der Psychoanalyse (Une difficulté de la psychoanalyse)*, in *Essais de psychanalyse appliquée*, Paris, Gallimard, 1933, pp. 137-147. [E.S.B.: *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, vol. XVII, p. 171 (N. E. Br.)]
- 1917 *Beiträge zur Psychologie des Liebeslebens: ZIL Das Tabu der Virginität (Contribution à la psychologie de la vie amoureuse: HL Is tabou de la virginité)*, in *R.F.P.*, 1933, 6, n? 1, pp. 2-17. [E.S.B.: *O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III)*, vol. XI, p. 179 (N. E. Br.)]
- 1918 *Aus der Geschichte einer infantilen Neurose (Extrait de l'histoire d'une névrose infantile: L'homme aux loups)*, in *Cinq psychanalyses*, Paris, P.U.F., 1954, pp. 325-420. [E.S.B.: *História de uma neurose infantil*, vol. XVII, p. 19 (N. E. Br.)]
- 1918 *Wege der psychoanalytischen Therapie (Les voies nouvelles de la thérapie psychanalytique)*, in *De la technique psychanalytique*, Paris, P.U.F.,

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ABREVIATURAS

- 1953, pp. 131-141. [E.S.B.: *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*, vol. XVII, p. 201 (N. E. Br.)]
- 1919 “*Em Kind wird geschlagen*” (“*On bat un enfant*”), in *R.F.P.*, 1933, 6, n? 3-4, pp. 274-297. [E.S.B.: “*Uma criança é esptzncada*” uma contribuição *ao estudo* da origem das perversões sexuais, vol. XVII, p. 225 (N. E. Br.)]
- 1919 *Das Unheimliche* (*L'mnquiétante étrangeté*), in *Essais de psychanalyse appliquée*, Paris, Gallimard, 1933, pp. 163-211. [E.S.B.: *O “estranho”*, vol. XVII, p. 275 (N. E. Br.)]
- 1920 (*Jber die psychogenese einer Falles um weiblicher Ho,nosexualitdt* (*Psychogenèse d'un ais d'hoinosexualitéféminine*), in *R.F.P.*, 1933, 6, n? 2, pp. 130-154. [E.S.B.: *A psicogénese de um caso de homossexualismo numa mulher*, vol. XVIII, p. 185 (N. E. Er.)]
- 1920 *Jenseits des Lustprinzips* (*Au-dela du princípe de plaisir*), in *Essais de psychanalyse*, Paris, Payot, 1951, pp. 5-75. [E.S.B.: *Além do princípio de prazer*, vol. XVIII, p. 17 (N. E. Br.)]
- 1921 *Massenpsychologie um! Ich-Analyse* (*Psychologie collective et analyse du moi*), in *Essais de psychanalyse*, Paris, Payot, 1951, pp. 76-162. [E.S.B.: *Psicologia de gnspo e a andlise do ego*, vol. XVIII, p. 91 (N. E. Br.)]
- 1922 *Uber einige neurotische Mechanismen bei Ezfersucht, Paranoia und Homosexualitiit* (*De quelques mécanismes névrotiques dans la jalousie, la paranofaetl'ho ,nosexualite3*, in *R.F.P.*, 1932,5, n? 3, pp. 391-401. [E.S.B.: *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no hoinossexualismo*, vol. XVIII, p. 271 (N. E. lir.)]
- 1923 *Das Ich und das Es* (com o título *L,e moi et le soi*), in *Essa is de psychanalyse*, Paris, Payot, 1951, pp. 163-218. [E.S.B.: *O ego e o id*, vol. XIX, p. 23 (N. E. Br.)]
- 1923 *Eine Teufelsneurose im siebzehnten Jahrhundert* (*Une névrose demoniaque au XVII' siècle*), in *Essais de psychanalyse appliquée*, Paris, Gailimard, 1933, pp. 213-254. {E.S.B.: *Uma neurose demoniáca do s&ulo XVH*, vol. XIX, p. 91 (N. E. Br.)]
- 1924 *Das ?ikonómische Problem des Masochismus* (*Leproblème économique du masochisme*), in *R.F.P.*, 1928,2, n? 2, pp. 211-223. [E.SB.: *Oproblema económico do masoquismo*, vol. XIX, p. 199 (N. E. Br.)]
- 1924 *Der Untergang eles Odipuskotnplexes* (*Le déclin du coinplexe d'CF4i»e*), in *R.F.P.*, 1934, 7, n? 3, pp. 394-399. [E.S.B.: *A dissolução do complexo de &l(po*, vol. XIX, p. 217 (N. E. Br.)]
- 1925 *Die Verneinung* (*La négation*), in *R.F.P.*, 1934, 7, n? 2, pp. 174-177. [E.S.B.: *A negativa*, vol. XIX, p. 295 (N. E. Br.)]
- 1925 *Selbstdarstellung* (*Ma vis et la psychanalyse*), Paris, Gallimard, 1949. [E.S.B.: *Um estudo autobiográfico*, vol. XX, p. 17 (N. E. Br.)]
- 1926 *Die Frage der Laienanalyse* (com o título *Psychanalyse et médecine*), in *Ma vis et la psychanalyse*, Paris, Gallimard, 1949, pp. 117-239. [E.S.B.: *A questão da análise leiga*, vol. XX, p. 211 (N. E. Br.)]
- 1926 *!F”mmung, Symptom um! Angst* (*Inhibition, symptóme et angoisse*), Paris, P.U.F., 1965 (nova ed.). [E.S.B.: *Inibições, sintomas e ansiedadevol*. XX, p. 107 (N. E. Br.)]
- 1927 *Die Zukunfi einerllhcsion* (*L'avenir d'une illusion*), Paris, Denoël & Steele, 1932. [E.S.B.: *O futuro de uma ilusão*, vol. XXI, p. 15 (N. E. Ur.)]
- 1930 *Das Unbehagen in der Kultur* (*Malaise dans la civilisation*), Paris, Denoël & Steele, 1934. [E.S.B.: *O mal-estar na civilização*, vol. XXI, p. 81 (N. E. Br.)]
- 1932 *Neue Folge der Vorlesungen zur Einfühmng in die Psychoanalyse* (*Nouvelles confórences sur la psychanalyse*), Paris, Gallimard, 1936. [E.S.B.: **XXI**

## VOCABULÁRIO DA PSICANÁLISE

- Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, vol. XXII, p. 15 (N. E. Br.)]
- 1937 *Die endliche und die unendliche Analyse* (*Ana lyse terminée et analyse iiterminable*), in *R.F.P.*, 1938-

1939, 10-11, n? 1, pp. 3-38. [E.S.B.: *Andlise terminável e interminável*, vol. XXIII, p. 247 (N. E. Br.).]

1938 *Abrias der Psychoanalyse (A brdgé de psychanalyse)*, Paris, P.U.F., 1950.

[E.S.B.: *Esboço & psicanálise*, vol. XXIII, p. 168 (N. E. Br.).]

1939 *Der Mann Moses und die monotheistische Religion (Moise et le ,nonothéisme)*, Paris, Gallimard,

1948. [E.S.B.: *Moisés e o nwnoteísmo*, vol. XXIII,

p. 16 (N. E. Br.).]

## II. – OUTROS AUTORES

Karl ABRAHAM. Remetemos para a edição francesa (Fr.) das *Euvres complètes* em 2 voL, Paris, Payot, 1965-1966.

Joseph BREUER. Nos *Studien über Hysterie (Estudos sobre a histeria, 1895)* publicados com S. FREUD, J.

BREUER é autor de dois capítulos: “Fräulein Anna O”

e “Theoretisches” (Considerações teóricas). Para estes textos, AI. remete para

a edição original dos *Studien über Hystenie*, Leipzig und Wiçn, Deuticke, 1895;

S.E. remete para a Standard Edition; Fr. remete para os *Etudes sur l’hystérie*,

Paris, P.U.F., 1956.

Sandor FERENCZI. Remetemos para os três volumes de língua inglesa, Londres,

I-Iogarth Press: *First Contr: First Contrnibutiüms lo Psycho-analysis*, 1952; *Further*

*Contr: Further Contrffiutions lo the Thony and Technique of Ps-ycho-analysis*, 1950;

*Final Contr: Final Contrnibutions to lhe Problems and Methods ofPsychoanalysis*,

1955. [As obras completas de Ferenczi estão em curso de publicação pela

Livraria Martins Fontes Editora (N. E. Br.).]

Melaine KLELN, *Contrnibutions: Contrnibutions to Psycho-analysis*, Londres, Hogarth

Press, 1950. [Contribuição à psicanálise, Ei Mestre Jou (N. E. Br.).]

KLEIN (M.), HEIMANN (Pj, IsAAcs (.1.), RIVIERE (J.), *Develpments Develojnnts in*

*Psycho-analysis*, Londres, Hpgarth Press, 1952. [Os progressos da psicanálise,

Ed. GuanabaraKoogan (N. E. Er.).]

## III. – REVISTAS E COLETÂNEAS

*BuL Psycho.: Bulletin de Ps-ychologie*, editado pelo grupo de estudos de Psicologia da Universidade de Paris.

*I.jp.: InternatimzalJournal ofPsycho-analysis*.

*Psa. Recai.: The Psycho-analytic Réader*, edit. por Robert FUEsS, Londres, Hogarth

Press, 1950.

*Psycho-analytic Study of the Child*, Nova lorque, I.U.P.

*R.F.P.: Revue Française de Psychanalyse*.

XXII

# A

## AB-REAÇÃO

=D.: Abreagieren. –F.: abréaction. –En.: abreaction. –Es.: abreacción. –E abreazione.

• *Descarga emocional pela qual um sujeito se liberta do afeto ligado à recordação de um acontecimento traumático, permitindo assim que ele não se torne ou não continue sendo patogênico. A ah-reação, que pode ser provocada no decorrer da psicoterapia, principalmente sob hipnose, e produzir então um efeito de catarse também pode surgir de modo espontâneo, separada do traumatismo inicial por um intervalo mais ou menos longo.*

• A noção de ab-reação não pode ser compreendida sem nos referirmos à teoria de Freud sobre a gênese do sintoma histérico, tal como ele a expôs em *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos (Über den psychischen Mechanismus hysterischerphänomene, 1893)* (1a, a). A persistência do afeto que se liga a uma recordação depende de diversos fatores, e o mais importante deles está ligado ao modo como o sujeito reagiu a um determinado acontecimento. Esta *reação* pode ser constituída por reflexos voluntários ou involuntários pode ir das lágrimas à vingança. Se tal reação for suficientemente importante, grande parte do afeto ligado ao acontecimento desaparecerá. Se essa reação for reprimida (*unterdrückt*), o afeto se conservará ligado à recordação.

A ab-reação é assim o caminho normal que permite ao sujeito reagir a um acontecimento e evitar que ele conserve um quantum de afeto demasiado importante. No entanto, é preciso que essa reação seja “adequada” para que possa ter um efeito catártico.

A ab-reação pode ser espontânea, isto é, seguir-se ao acontecimento com um intervalo tão curto que impeça que a sua recordação se carregue de um afeto demasiado importante para se tornar patogênico. Ou então a ab-reação pode ser secundária, provocada pela psicoterapia catártica, que permite ao doente rememorar e objetivar pela palavra o acontecimento traumático, e libertar-se assim do quantum de afeto que o tornava patogênico. Freud, efetivamente, nota já em 1895: E na linguagem que o homem acha um substituto para o ato, substituto graças ao qual o afeto pode ser *ab-reação* quase da mesma maneira.” (1b)

## AB-REAÇÃO

Uma ab-reação total não é a única maneira pela qual o sujeito pode se desembaraçar da recordação de um acontecimento traumático: a recordação pode ser integrada numa série associativa que permita a correção do acontecimento, que o faça voltar ao seu lugar. Já em *Estudos sobre a histeria (Studien über Hysterie, 1895)* Freud descreve, às vezes, como um processo de ab-reação um verdadeiro trabalho de rememoração e de elaboração psíquica, em que o mesmo afeto se acha reavivado correlativamente à recordação dos diferentes acontecimentos que o suscitaram (1c).

A ausência de ab-reação tem como efeito deixar subsistir no estado inconsciente e isolados do curso normal do pensamento grupos de representações que estão na origem dos sintomas neuróticos: “As representações que se tomaram patogênicas conservam a sua atividade porque não são submetidas ao desgaste normal pela ah-reação e porque a sua reprodução nos estados associativos livres é impossível.”

(1)

Breuer e Freud procuram distinguir as diferentes espécies de condições que não permitem ao sujeito ab-reagir. Umas estariam ligadas não à natureza do acontecimento, mas ao estado psíquico que este encontra no sujeito: pavor, auto-hipnose, estado hipnóide\*; outras estão ligadas a circunstâncias, geralmente de natureza social, que obrigam o sujeito a reter as suas reações. Finalmente, pode tratar-se de um acontecimento que o doente quis esquecer e que recalçou, inibiu, reprimiu intencionalmente fora do seu pensamento consciente” (1e). Estas três espécies de condições definem os três tipos de histeria: histeria hipnóide\*, histeria de retenção\* e histeria de defesa. Sabe-se que Freud, logo após a publicação de *Estudos sobre a histeria*, irá manter apenas esta última forma.

\*

Enfatizar exclusivamente a ab-reação na eficácia da psicoterapia é antes de mais nada uma característica do período chamado do método catártico. No entanto, a noção continua presente na teoria do tratamento psicanalítico, por razões de fato (presença em qualquer tratamento, em diversos graus conforme os tipos de doentes, de manifestações de descarga emocional) e por razões de direito, na medida em que qualquer teoria do tratamento leva em consideração não apenas a *rememoração*, mas a *repetição*. Noções como as de transferência\*, perelaboração, atuação\*, implicam uma referência à teoria da ah-reação, ao mesmo tempo que conduzem a concepções do tratamento mais complexas do que as da pura e simples liquidação

do afeto traumatizante.

▲ (a) O neologismo *abreagien`ii* parece ter sido forjado por Breux e Freud a partir do verbo *reagieren* empregado transitivamente e do prefixo *al*, que compreende diversas significações, particularmente distância no tempo, separação, diminuição supressão, etc.

ABSTINÊNCIA (REGRA DE—)

ABSTINÊNCIA (REGRA DE —)

–D.: Abstinenz (Grundsatz der—). –F: abstfnence (règle d’ —). –En.: abstinence (rifle of —). –Es.: abstinencia (regia de —). –I.: astinenza (regola d

• **Regra da prática analítica segundo a qual o tratamento deve ser conduzido de tal modo que o paciente encontre o menos possível de satisfações substitutivas para os seus sintomas. Implica para o analista o preceito de se recusar a satisfazer os pedidos do paciente e a preencher efetivamente os papéis que este tende a lhe impor. A regra de abstinência, em certos casos e em certos momentos do tratamento, pode constituir-se especificamente em indicações relativas a comportamentos repetitivos do sujeito que dificultam o trabalho de rememoração e de elaboração.**

• A justificação dessa regra é de ordem essencialmente econômica. O analista deve evitar que as quantidades de libido liberadas pelo tratamento se reinvestam imediatamente em objetos exteriores; elas devem ser, tanto quanto possível, transferidas para a situação analítica. A energia libidinal encontra-se aí ligada pela transferência, e qualquer possibilidade de descarga que não seja a expressão verbal lhe é recusada.

Do ponto de vista dinâmico, a mola propulsora do tratamento tem origem na existência de um sofrimento por frustração; ora, este tende a atenuar-se à medida que os sintomas dão lugar a comportamentos substitutivos mais satisfatórios. Seria pois importante manter ou restabelecer a frustração para evitar a estagnação do tratamento.

A noção de abstinência está implicitamente ligada ao próprio princípio do método analítico, na medida em que este faz da interpretação o seu ato fundamental, em lugar de satisfazer as exigências libidinais do paciente. Não é de admirar que seja a propósito de uma exigência particularmente premente, aquela própria ao amor de transferência, que Freud aborda explicitamente, em 1915, a questão da abstinência: “Quero propor a regra de que é preciso manter nos doentes necessidades e aspirações, como forças que impelem para o trabalho e para a mudança, e evitar calá-las com sucedâneos.” (1)

Foi com Ferenczi que os problemas técnicos colocados pela observância da regra de abstinência tiveram que passar para o primeiro plano das discussões analíticas. Ferenczi preconizava em certos casos medidas tendentes a afastar as situações substitutivas encontradas pelo paciente no tratamento e fora dele. Freud, na sua comunicação final ao Congresso de Budapeste (1918), aprovava em seus princípios estas medidas e justificava-as teoricamente: “Por mais cruel que possa parecer, devemos fazer o possível para que o sofrimento do doente não desapareça prematuramente de modo acentuado. Quando esse sofrimento se atenua, porque os sintomas se desagregaram e perderam o seu valor, somos obrigados a recriá-lo noutra forma sob a forma de uma privação penosa.” (2)

Para esclarecer a discussão sempre atual em tomo da noção de absti- 3

# 1

## AÇÃO ESPECÍFICA

nência, parece que haveria interesse em distinguir nitidamente, por um lado, a abstinência como regra que se impõe ao analista –simples consequência da sua neutralidade –e, por outro, as medidas ativas pelas quais se pede ao paciente que ele mesmo se mantenha num certo estado de abstinência. Tais medidas vão desde certas interpretações, cujo caráter insistente pode equivaler a uma injunção, até as interdições formais. Estas, embora não visem proibir ao paciente qualquer relação sexual, incidem geralmente em certas atividades sexuais (perversões) ou em certos modos de atuação de caráter repetitivo que parecem paralisar o trabalho analítico. É em relação a recorrer a essas medidas ativas que a maioria dos analistas se mostra muito reservada, sublinhando particularmente o risco que o analista corre de ser então assimilado a uma autoridade repressiva.

## AÇÃO ESPECÍFICA

D.: spezifische Aktion. –F.: action spécifique. –En.: specific action. –Es.: acción específica. –I.: azione specifica.

• **Termo utilizado por Freud em alguns dos seus primeiros escritos para designar o conjunto do**

**processo necessário à resolução da tensão interna criada pela necessidade: intervenção externa adequada e conjunto das reações pré-formadas do organismo que permitem a realização do ato.**

• É principalmente no seu **Projeto para uma psimog&7 científica** (*Entwurf cine, Rçyologie, 1895*) que Freud utiliza a noção de ação específica: o princípio de inércia\*, que, por postulado de Freud, regula o funcionamento do aparelho neurônico, complica-se desde que intervenham as excitações endógenas. Com efeito, o organismo não pode escapar delas. Pode descarregá-las de duas maneiras: a) de forma imediata, por reações não específicas (manifestações emocionais, gritos, etc.), que constituem uma resposta inadequada, porque as excitações continuam a afluir; b) de forma específica, que é a única que permite uma resolução dura- dura da tensão. Freud forneceu o seu esquema, fazendo intervir particularmente a noção de limiar, em *Sobre os critérios para se destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada “neurose de angústü - (Uber die Berechtigung, mm der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex ais “Angstneurose” ahzutrennen, 1895)* (1a).

Para que a ação específica ou adequada se realize, é indispensável a presença de um objeto específico e de uma série de condições externas (for

### AÇÃO ESPECÍFICA

necimento de comida no caso da fome). Para o lactente, dado o seu desamparo original (*ver*: desamparo), o auxílio exterior torna-se a condição prévia indispensável à satisfação da necessidade. F’ reud pode também designar por ação específica, algumas vezes, o conjunto dos atos-reflexos pelos quais o ato é consumado, outras a intervenção exterior, ou ainda esses dois tempos .

Esta ação específica é pressuposta pela vivência de satisfação\*.

\*

Poder-se-ia interpretar a concepção freudiana da ação específica como o esboço de uma teoria do instinto\* (cd). Como conciliá-la com a da pulsão sexual, tal como emerge da obra de Freud? A posição do problema evoluiu, para Freud, nos anos de 1895-1905:

1) Em *Projeto para unv psicologia cientijica*, a sexualidade é classificada entre as “grandes necessidades” (2); ela exige, tal como a fome, uma ação específica (*ver*: pulsões de autoconservação).

2) Note-se que em 1895 Freud ainda não tinha descoberto a sexualidade infantil, O que ressalta da expressão ação específica dessa época é uma analogia entre o ato sexual do adulto e a satisfação da fome.

3) No artigo acima citado, contemporâneo do *Projeto*, é exatamente a propósito do adulto que a ação específica necessária à satisfação sexual é descrita, Mas, ao lado dos elementos de comportamento que constituem uma espécie de montagem orgânica, Freud introduziu condições ‘psíquicas de origem histórica enquadradas naquilo a que ele chama a elaboração da libido psíquica (1h).

4) Com a descoberta da sexualidade infantil, altera-se a perspectiva (*ver*: sexualidade). Freud passa a criticar a concepção que define a sexualidade humana pelo ato sexual adulto, comportamento que seria invariável no seu desenvolvimento, no seu objeto e no seu fim. “A opinião popular tem idéias bem determinadas sobre a natureza e as características da pulsão sexual. Esta estaria ausente durante a infância, apareceria na puberdade, em estreita relação com o processo de maturação, manifestar-se-ia sob a forma de n’na atração irresistível exercida por um dos sexos sobre o outro, e o seu objetivo seria a união sexual, ou pelo menos os atos que conduzem a esse objetivo’ (3)

Freud mostra em *Tres ensaios sobre a teoria da sexualidade* (*lfrei Ahhandlungen na Scxualtworie, 1905*) como no funcionamento da sexualidade da criança as condições orgânicas suscetíveis de causar um prazer sexual são pouco específicas. Se podemos dizer que elas se especificam rapidamente, isso acontece cm função de fatores de ordem histórica. Afinal, no adulto, as condições da satisfação sexual podem ser bem determinadas para este ou aquele indivíduo, como se o homem atingisse através da sua história um comportamento que se pode assemelhar a uma montagem instintual. E exatante esta aparência que está na origem da “opinião popular”, tal como

Freud a descreveu nas poucas linhas acima citadas, 5

### ACTING OUT

\* (a) Nesta perspectiva, poderia estabelecer-se uma aproximação entre a teoria freudiana da ação específica e a análise do processo instintual pela psicologia animal contemporânea (escola etologista).

### ACTING OUT

• *Termo usado em psicanálise para designar as ações que apresentam, quase sempre, um caráter impulsivo, relativamente em ruptura com sistemas de motivação habituais do sujeito, relativamente isolável no decurso das suas atividades, e que toma muitas vezes uma forma auto ou hetero-agressiva. Para o psicanalista, o aparecimento do acting out é a marca da emergência do recalçado. Quando aparece no decorrer de uma análise (durante a sessão ou fora dela), o acting out tem de ser compreendido na sua conexão com a transferência, e freqüentemente como uma tentativa para ignorá-la radicalmente.*

• O termo inglês *acting out* foi adotado pelos psicanalistas de língua francesa, e essa adoção coloca, de início, problemas terminológicos:

19 Na medida em que a expressão *to ad out!* (forma substantiva: *acting out!*) é empregada em inglês para traduzir o que Freud denomina *agieren*, ela deve recobrir toda a ambigüidade daquilo que é deste modo designado por Freud (*ver:* atuação). Assim, o *actingout* do *Dicionário geral dos termos psicológicos e psicanalíticos* de English e English contém a seguinte definição: “Manifestação, em uma situação nova, de um comportamento intencional apropriado a uma situação mais antiga, a primeira representando simbolicamente a segunda. Cf Transferência, que é uma forma de *acting out!*.”

29 A definição anterior está em contradição com a acepção do *acting out* admitida com mais freqüência, que diferencia ou até contrapõe o terreno da transferência e o recurso ao *acting out!*, e vê neste uma tentativa de ruptura da relação analítica.

3? A propósito do verbo inglês *to ad out!*, faremos algumas observações:

a) *To ad*, quando empregado transitivamente, está impregnado de sentidos que pertencem ao domínio do teatro: *to act a play* representar uma peça; *(o ad a par!* = desempenhar um papel, etc, O mesmo acontece com o verbo transitivo *to act out!*

b) A posposição de *out* introduz duas diferenciações: exteriorizar, mostrar o que é suposto ter dentro de si, e realizar rapidamente, até a consumação da ação (diferenciação que voltamos a encontrar em expressões como *to ny out* = levar a bom termo; *to seu out!* = vender, etc).

c) O sentido original, puramente espacial, do pospositivo *md* chegou a levar alguns psicanalistas a entenderem erradamente *acting out?* como o

## ACTING OUT

ato realizado fora da sessão analítica e a contrapõem a expressão a um *acting in* que aconteceria no decorrer da sessão. Se quisermos explicar esta oposição, convirá falarmos de *actingout outside of psychoanalysis* e de *actng out inside of psychoanalysis* ou *in the analytic situation*.

4? Parece difícil encontrar, em francês, uma expressão que traduza todas as nuances precedentes (houve quem propusesse *agissement* e *actuation*). A expressão *passage à l'acte* (passagem ao ato), que é o equivalente mais freqüentemente utilizado, tem entre outros o inconveniente de já ter sido adotada na clínica psiquiátrica, na qual se tende a reservá-la de forma exclusiva para atos impulsivos violentos, agressivos, delituosos (assassínio, suicídio, atentado sexual, etc); o sujeito *passa* de uma representação, de uma tendência, ao ato propriamente dito. Por outro lado, esta expressão não comporta, no seu uso clínico, qualquer referência a uma situação transferencial.

4

Do ponto de vista descritivo, a gama dos atos que agrupamos geralmente sob a rubrica do *acting out* é muito extensa, incluindo aquilo a que a clínica psiquiátrica chama “passagem ao ato” (ver acima), mas também formas muito mais discretas, desde que nelas se encontre aquela característica impulsiva, mal motivada aos olhos do próprio sujeito, que rompe com o seu comportamento habitual, mesmo que a ação em causa seja secundariamente racionalizada; tal característica assinala para o psicanalista o retorno do recalçado; podem-se também considerar como *acting out* certos acidentes acontecidos ao sujeito embora ele se sinta estranho à produção desses acontecimentos. Essa extensão coloca evidentemente o problema da delimitação do conceito de *acting out*, mais ou menos vago e variável conforme os autores, relativamente a outros conceitos emitidos por Freud, particularmente o ato falho e os chamados fenômenos de repetição (a). O ato falho também é pontual, isolado, mas, pelo menos nas suas formas mais características, a sua natureza de compromisso fica evidente; inversamente, nos fenômenos de repetição vivida (“compulsão de destino”, por exemplo), os conteúdos recalçados retomam freqüentemente com grande fidelidade em uma situação pela qual o sujeito não reconhece ser o

responsável.

\*

Uma das contribuições da psicanálise foi relacionar o aparecimento desse ato impulsivo com a dinâmica do tratamento e com a transferência. Este é o caminho nitidamente indicado por Freud, que sublinhou a tendência de certos pacientes para fazerem atuar” (*agieren*) fora da análise as moções pulsionais despertadas por ela. Mas, na medida em que, como se sabe, ele descreveu mesmo a transferência para a pessoa do analista como uma forma de atuação”, não diferenciou com clareza nem articulou os fenômenos de repetição na transferência e os do *acting out*. A distinção por ele introduzida parece responder a preocupações predominantemente técnicas, pois 7

#### AFANISE

o sujeito que faz atuar conflitos fora do tratamento é menos acessível à tomada de consciência do seu caráter repetitivo e pode, independentemente de qualquer controle e de qualquer interpretação do analista, satisfazer até o fim, até o ato consumado, as suas pulsões recalçadas: ‘Não é de modo nenhum desejável que o paciente, independentemente da transferência, *atue (agieri)* em vez de se recordar; o ideal, para o nosso objetivo, será que ele se comporte tão normalmente quanto possível fora do tratamento e que só manifeste as suas reações anormais na transferência.’ (1)

Uma das tarefas da psicanálise seria procurar fundamentar a distinção entre transferência e *acting out* em outros critérios, diferentes dos critérios puramente técnicos, ou mesmo puramente espaciais (o que se passa no consultório do analista ou fora dele); isto suporia particularmente uma reflexão renovada sobre os conceitos de ação, de atualização, e sobre aquilo que especifica os diferentes modos de comunicação. Só depois de esclarecidas teoricamente as relações entre o *acting out* e a transferência analítica poderíamos indagar se as estruturas assim evidenciadas podem ser extrapoladas para além de qualquer referência ao tratamento, isto é, perguntar se os atos impulsivos da vida cotidiana não se poderão esclarecer depois de referidos a relações de tipo transferencial.

À (a) Essa delimitação será necessária, a se quisermos conservar uma especificidade para a noção e não dissolvê-la numa concepção de conjunto que faz surgir a relação mais ou menos estreita de qualquer empreendimento humano com as fantasias inconscientes.

#### AFANISE

–*I.*: Aphanisis. –*E.*: aphanisis. –*En.*: aphanisis. –*Es.*: afánisis. –*I.*: afanisi.

• *Termo introduzido por E. Jones: desaparecimento do desejo sexual. Segundo este autor, a afanise seria, nos dois sexos, objeto de um temor mais fundamental que o temor da castração.*

• Jones introduz o termo grego ἀφανισμός (ato de fazer desaparecer, desaparecimento) relacionado com a questão do complexo de castração (la). Segundo ele, mesmo no homem, a abolição da sexualidade e a castração não coincidem (por exemplo: “...muitos homens desejam ser castrados por razões eróticas, entre outras, de modo que a sua sexualidade certamente não desaparece com o abandono do pênis”) (lb); se é verdade que parecem confundir-se, é porque o temor da castração é a forma por que se apresenta concretamente (ao lado das idéias de morte) a idéia mais geral de *afanise*.

Na mulher, é no temor da separação do objeto amado que poderíamos descobrir o temor da afanise.

Jones introduz a noção de afanise no quadro das suas pesquisas sobre

8 a sexualidade feminina. Enquaxito Freud centrava a evolução sexual da me-

#### AFETO

nina, como a do menino, no complexo de castração e na prevalência do falo, Jones tenta descrever a evolução da menina de um modo mais específico, que dá ênfase a uma sexualidade que possui de início os seus objetivos e a sua atividade próprios.

O denominador comum da sexualidade da menina e do menino deveria ser procurado aquém do complexo de castração, na afanise.

#### AFETO

*D.*: Affekt, –*F.*: affect. –*E.,,*: affect. –*Es.*: afecto. –*I.*: affetto.

• *Termo que a psicanálise foi buscar na terminologia psicológica aio- mà e que exprime qualquer estado*

*afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral. Segundo Freud, toda pulsão se exprime nos dois registros, do afeto e da representação, O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações.*

• A noção de afeto assume grande importância logo nos primeiros trabalhos de Breuer e Freud (*Estudos sobre a histeria, [Studien über Hysterie, 18955]* sobre a psicoterapia da histeria e a descoberta do valor terapêutico da abreação. A origem do sintoma histérico é procurada num acontecimento traumático a que não correspondeu uma descarga adequada (afeto coartado).

.Somente quando a evocação da recordação provoca a revivescência do afeto que estava ligado a ela na origem é que a rememoração encontra a sua eficácia terapêutica.

Da consideração da histeria resulta portanto, para Freud, que o afeto não está necessariamente ligado à representação; a sua separação (afeto sem representação, representação sem afeto) garante a cada um diferentes destinos. Freud indica possibilidades diversas de transformação do afeto:

Conheço três mecanismos: 1? o da conversão dos afetos (histeria de conversão); 2?? o do deslocamento do afeto (obsessões); e 3? o da transformação do afeto (neurose de angústia, melancolia).” (1)

A partir desse período, a noção de afeto é utilizada em duas perspectivas: pode ter apenas um valor descritivo, designando a ressonância emocional de uma experiência geralmente forte. Mas a maior parte das vezes ela postula uma teoria quantitativa dos investimentos, a única que pode traduzir a autonomia do afeto em relação às suas diversas manifestações.

A questão é tratada sistematicamente por Freud nos seus escritos metapsicológicos (*O recalque [Die Verdrängung, 1915]; O inconsciente [as Unbewusste, 19151]*). O afeto é aí definido como a tradução subjetiva da quantidade de energia pulsional. Freud distingue aqui nitidamente o aspecto sub-

## 9

### AGIR

jetivo do afeto e os processos energéticos que o condicionam. Note-se que, paralelamente ao termo afeto, ele emprega “quantum de afeto\* (*Affekt&tn* ), entendendo designar assim o aspecto propriamente econômico: o quantum de afeto ...corresponde à pulsão na medida em que esta se separou da representação e encontra uma expressão adequada à sua quantidade em processos que se tomam sensíveis para nós como afetos” (2a, a).

Não se vê muito bem como o termo ‘afeto’ poderia conservar qualquer sentido fora de qualquer referência à consciência de si; Freud coloca a questão: será legítimo falar de afeto inconsciente? (3a).

Recusa-se a estabelecer um paralelismo entre o chamado afeto “inconsciente” (sentimento de culpa inconsciente, por exemplo) e as representações inconscientes. Existe uma diferença notável entre a representação inconsciente e o sentimento inconsciente: “A representação inconsciente, uma vez recalçada, permanece no sistema Ics como formação real, enquanto que ali, para o afeto inconsciente, só corresponde um rudimento que não conseguiu desenvolver-se.” (3b) (*ver*: recalque; repressão)

Note-se por fim que Freud formulou uma hipótese genética destinada a traduzir o aspecto vivido do afeto. Os afetos seriam ‘reproduções de acontecimentos antigos de importância vital e eventualmente pré-individuais’ comparáveis a ...acessos histéricos universais, típicos e inatos” (4).

a (a) Em outras passagens, a distinção é negligenciada visto que Freud, a propósito da histeria de conversão, não fala de uma conversão do quantum de afeto que condicionaria o desaparecimento do afeto subjetivo, mas simplesmente de ‘desaparecimento total do quantum de afeto’ (2h).

### AGIR

*Ver*: Atuação

[Nesta edição brasileira optamos pelo termo atuar, que se impôs entre nós na prática psicanalítica como equivalente de *agieren*.]

### AGRESSIVIDADE

-D.: Aggression, *Aggressivität*, -F.: agressivité. -En.: aggressivity. *aggressi l veness*. -Es.: agresividad. -I.: aggressività.

### AGRESSIVIDADE

• *Tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasísticos que*

visam prejudicar o outro, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo, etc. A agressão conhece outras modalidades além da ação motora violenta e destruidora; não existe comportamento, quer negativo (recusa de auxílio, por exemplo) quer positivo, simbólico (ironia, por exemplo) ou efetivamente concretizado, que não possa funcionar como agressão. A psicanálise atribuiu uma importância crescente à agressividade, mostrando-a em operação desde cedo no desenvolvimento do sujeito e sublinhando o mecanismo complexo da sua união com a sexualidade e da sua separação dela. Esta evolução das idéias culmina com a tentativa de procurar na agressividade um substrato pulsional único e fundamental na noção de pulsão de morte.

• Segundo um modo de ver corrente, Freud só tardiamente teria reconhecido a importância da agressividade. E não foi ele mesmo que propagou essa idéia? “Por que, pergunta ele, “precisamos de tanto tempo antes de nos decidirmos a reconhecer uma pulsão agressiva? Por que hesitamos em utilizar, para a teoria, fatos que eram evidentes e familiares a qualquer pessoa?” (1a) Na realidade! as duas questões que Freud formula aqui merecem ser separadas, porque, se é verdade que a hipótese de uma ‘pulsão de agressão’ autônoma, emitida por Adler logo em 1908, foi durante muito tempo recusada por Freud, em contrapartida não seria exato dizer que a teoria psicanalítica, antes da “virada de 1920”, se recusava a levar em consideração os comportamentos agressivos.

Seria fácil demonstrá-lo a diversos níveis. Primeiro no tratamento, onde desde muito cedo Freud encontra a resistência com a sua marca agressiva: “o sujeito, até aquele instante tão bom, tão leal, toma-se grosseiro, falso ou revoltado, simulador, até o momento em que lhe digo isso e em que consigo assim vergar o seu caráter” (2). Mais ainda, Freud, desde o *Caso Dom (Fragmento da análise de um caso de histeria [Bruchstück einer Hysterie-Analyse, 1905])*, vê na intervenção da agressividade um traço próprio do tratamento psicanalítico; “o doente no decorrer de outros tratamentos só evoca transferências temas e amigáveis em favor da sua cura [1 Na psicanálise em contrapartida, todas as moções, incluindo as hostis, devem ser despertadas, utilizadas pela análise ao se tomarem conscientes” (3). A primeira vista, foi como resistência que a transferência surgiu a Freud, e essa resistência deve-se em grande medida àquilo a que ele chamará transferência negativa (**ver**: transferência).

A clínica impõe a idéia de que as tendências hostis são particularmente importantes em certas afecções (neurose obsessiva, paranóia). A noção de *ambivalência*\* vem exprimir a coexistência no mesmo plano do amor e do ódio, senão ao nível metapsicológico mais fundamental, pelo menos na experiência. Citemos ainda a análise feita por Freud do chiste, em que ele declara que este, “quando não é o seu próprio fim, isto é, inocente, só pode pôr-se a serviço de duas tendências [...]; ou é um *chiste hostil* (que serve à agressão, à sátira, à defesa), ou então é um *chiste obsceno*...” (4) 11

## AGRESSIVIDADE

A propósito disso Freud fala por diversas vezes de “pulsão hostil”, “tendência hostil”. Por fim, o complexo de Edipo é descoberto logo de início como conjunção de desejos amorosos e hostis (é mesmo apresentado pela primeira vez em *A interpretação de sonhos [Die Traumdeutung, 1900]* sob a rubrica ‘Sonhos de morte das pessoas queridas’); a sua elaboração progressiva leva a atribuir, cada vez mais, um papel a estes dois tipos de desejo nas diferentes constelações possíveis.

A variedade, a extensão, a importância desses fenômenos exigiam uma explicação ao nível da primeira teoria das pulsões. Esquematicamente, pode-se dizer que a resposta de Freud se escalona em diversos planos;

1? Se ele se recusa a hipostasiar, por trás dessas tendências e comportamentos agressivos, uma pulsão específica, é porque lhe parece que tal concepção redundaria em beneficiar uma só pulsão com aquilo que para ele caracteriza essencialmente a pulsão, isto é, o fato de ser um impulso a que não se pode fugir, exigindo do aparelho psíquico um certo trabalho e pondo em movimento a motricidade. Neste sentido, para realizar os seus objetivos, mesmo que “passivos” (ser amado, ser visto, etc.), a pulsão exige uma atividade que pode ter que vencer obstáculos: “toda pulsão é um fragmento de atividade” (5a).

2? Sabe-se que, na primeira teoria das pulsões, as pulsões sexuais têm como opostas as pulsões de autoconservação. Estas, de modo geral, têm por função a manutenção e a afirmação da existência individual. Neste quadro teórico, a explicação de comportamentos ou de sentimentos tão manifestamente agressivos como o sadismo ou o ódio, por exemplo, é procurada num mecanismo complexo dos dois grandes tipos de pulsões. A leitura de *Pulsões e destinos das pulsões (Triebe um! Triebchicksale, 1915)* mostra que Freud tem à sua disposição uma teoria metapsicológica da agressividade. A aparente mutação do amor em ódio é apenas uma ilusão; o ódio não é um amor negativo; tem a sua gênese própria, cuja complexidade é mostrada por Freud, para quem a tese central é a de que “os verdadeiros protótipos da relação de ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do ego pela sua conservação e afirmação” (5b).

3? Por último, no domínio das pulsões de autoconservação, Freud especifica, quer como função, quer

mesmo como pulsão independente, a atividade de garantir o seu domínio sobre o objeto (*Benuefrhtigungstrieh*) (*ver*: pulsão de dominação). Com esta noção, ele parece indicar uma espécie de campo intermediário entre a simples *atividade* inerente a toda função e uma tendência para a destruição pela destruição. A pulsão de dominação é uma pulsão independente, ligada a um aparelho especial (a musculatura) e a uma fase definida da evolução (fase sádico-anal). Mas, por outro lado, causar danos ao objeto ou aniquilá-lo lhe é indiferente” (5c), pois a consideração pelo outro e pelo seu sofrimento só aparecem no retomo masoquista, tempo em que a pulsão de dominação se torna indiscernível da excitação sexual que provoca (*ver*: sadismo – masoquismo).

12 \*

## AGRESSIVIDADE

Com a última teoria das pulsões, a agressividade desempenha um papel mais importante e ocupa um lugar diferente na teoria.

A teoria explícita de Freud a respeito da agressividade pode resumir-se assim: “Uma parte [da pulsão de morte] é posta diretamente a serviço da pulsão sexual, onde o seu papel é importante. E isso o sadismo propriamente dito. Outra parte não acompanha esse desvio para o exterior, mantém-se no organismo, onde está ligada libidinalmente pelo auxílio da excitação sexual de que se faz acompanhar [...] reconhecemos aio masoquismo originário, erógeno.” (6)

Freud reserva o nome de pulsão de agressão\* (*Aggressiortstrieb*), na maioria das vezes, à parte da pulsão de morte voltada para o exterior com o auxílio específico da musculatura. Note-se que esta pulsão de agressão, talvez como a tendência para a autodestruição, só pode ser apreendida, segundo Freud, na sua fusão com a sexualidade (*ver*: fusão – desfusão).

O dualismo pulsões de vida – pulsões de morte é freqüentemente assimilado pelos psicanalistas ao da sexualidade e da agressividade, e o próprio Freud caminha por vezes nessa direção (1h). Tal assimilação exige di versas observações:

1? Os fatos que Freud invoca em *Além do princípio do prazer* (*enseits des Lustprinzips*, 1920) para justificar a introdução da noção de pulsão de morte são fenômenos em que se afirma a compulsão à repetição\*, e esta não está seletivamente relacionada com comportamentos agressivos.

2? Quando, para Freud no campo da agressividade, certos fenômenos assumem uma importância cada vez maior, trata-se sempre daqueles que testemunham uma auto-agressão: clínica do luto e da melancolia, “sentimento de culpa inconsciente”, “reação teratútica negativa”, etc., fenômenos que o levam a falar das “misteriosas tendências masoquistas do ego” (7).

3? Do ponto de vista das noções em jogo, pulsões de vida ou Eros estão muito longe de serem apenas uma nova denominação para abranger aquilo a que antes se chamava sexualidade. Sob o nome de Eros\*, com efeito, Freud designa o conjunto das pulsões que criam ou mantêm unidades, de modo que nele são afinal englobadas não só as pulsões sexuais, enquanto tendem a conservar a espécie, mas ainda as pulsões de autoconservação que visam manter e afirmar a existência individual.

4? Correlativamente, a noção de pulsão de morte não é simplesmente um conceito genérico que engloba indistintamente tudo o que anteriormente fora descoberto como manifestações agressivas, e apenas isso. Efetivamente, uma parte daquilo a que se pode chamar luta pela vida pertence a Eros; inversamente, a pulsão de morte chama a si, e indubitavelmente de maneira mais incontestável, aquilo que Freud tinha reconhecido, na sexualidade humana, como específico do desejo inconsciente: sua irredutibilidade, sua insistência seu caráter desreal e, do ponto de vista econômico, sua tendência à redução absoluta das tensões.

\* 13

## AGRESSIVIDADE

Pode-se perguntar em que a noção de agressividade se renovou depois de 1920. Poder-se-ia responder que:

1? Alarga-se o campo em que se reconhece a agressividade em ação. Por um lado, a concepção de uma pulsão destrutiva suscetível de se voltar para o exterior, de retornar para o interior, faz dos avatares do sadomasoquismo uma realidade muito complexa, que pode traduzir numerosas modalidades da vida psíquica. Por outro lado, a agressividade já não se aplica apenas às relações com o objeto ou consigo mesmo, mas às relações entre as diferentes instâncias (conflito entre o superego e o ego).

2? Localizando a origem da pulsão de morte na própria pessoa, fazendo da auto-agressão o próprio princípio da agressividade, Freud destrói a noção de agressividade, classicamente descrita, e já há muito tempo, como modo de relação com outrem, violência exercida sobre outrem. Talvez convenha contrapor aqui a originalidade da teoria de Freud a certas declarações suas sobre a maldade natural do homem (8).

3? E, finalmente, a última teoria das pulsões permitirá especificar melhor a agressividade em relação à noção de atividade? Como notou Daniel Lagache, á primeira vista, a atividade surge como um conceito muito mais extenso do que a agressividade; todos os processos biológicos ou psicológicos são formas de atividade. Agressividade, portanto, não conota, em princípio, mais do que certas formas de atividade” (9). Ora, na medida em que Freud tende a localizar do lado de Eros tudo o que é da ordem dos comportamentos vitais, convida-nos a interrogarmo-nos sobre o que define o comportamento agressivo; aqui o conceito fusão –desfusão pode conferir um elemento de resposta. Com efeito, não exprime apenas o fato de existirem, em proporções variadas, amálgamas pulsionais, mas a idéia de que a desfusão é, no fundo, o triunfo da pulsão de destruição na medida em que esta visa destruir os conjuntos que, inversamente, Eros tende a criar e manter. Nesta perspectiva, a agressividade seria exatamente uma força radicalmente desorganizadora e fragmentante. Assim, essas características foram sublinhadas pelos autores que, como Melanie Klein, insistem no papel predominante desempenhado pelas pulsões agressivas desde a primeira infância.

\*

Tal concepção, como se vê, vai contra a evolução em psicologia do sentido dos termos forjados a partir do radical agressAo. Em inglês, English e English, no seu *Dicionário geral dos termos psicológicos e psicanalíticos*, notaram que *aggressiveness* tinha acabado por perder, numa acepção enfraquecida, toda conotação de hostilidade, a ponto de se tornar sinônimo de “espírito empreendedor”, “energia”, “atividade”; o termo *aggressivity* estaria em contrapartida menos gasto, inscrevendo-se melhor na série “aggression”, “to aggress” (a).

À (a) Do ponto de vista terminológico, notemos que na linguagem de Freud se encontra

14 um só termo, *Aggression*, para designar tanto as agressões como a agressividade.

#### ALTERAÇÃO DO EGO ou ALTERAÇÃO DO EU

(1) ENEJO (*Si, Neue Filie der Varlesungen 2# Einführung in die Psychoanalyse*, 1933.

—a) G.W., XV, 110; S.E., XXII, 103; Fr., 141.—b) Cf. G.W., XV, 109ss.; S.E., XXII, 103 ss.; Fr., 141 ss.

(2) FREIO (5.), *Aus de., Anfängen der Psychanalyse*, 1887-1902. Carta de 27-10-1897:

AI., 241; IngL., 226; Fr., 200.

(3) FREUD (*Si*, G.W., V, 281; SE., VII, 117; Fr., 88.

(4) FREUD (5.), *Der Witz und seine Verbindung zur Libidotheorie*, 1905. G.W., VI, 105; SE., VII, 96-7; Fr., 109.

(5) FRED (S.), —a) G.W., X, 214; S.E., XIV, 122; Fr., 34.—b) G.W., X, 230; S.E.,

XIV, 138; Fr., 63. —c) G.W., X, 231; SE., XIV, 139; Fr., 64.

(6) FREUD (5.), *Das jüdische Element in der Psychoanalyse*, 1924. G.W., XIII, 376; SE., XIX, 163-4; Fr., 216.

(7) FREI (5.), *GJV.*, XIII, 11; S.E., XVIII, 14; Fr., 13.

(8) Cf. FREUD (*Si*, *Is Unbehagen in der Kultur*, 1930.

(9) IACACI (D.), Situation de l'agressivité, in *BULL PchL*, 1960, XIV, n° 1, pp. 99-112.

#### ALO-EROTISMO

—D.: Alloerotismus. —F.: allo-érotisme. —E.,,: allo-erot{sm. —Es.: aloerotismo.

—I,: aliocrotismo.

• **Termo às vezes utilizado por oposição a auto-erotismo: atividade sexual que encontra a sua satisfação graças a um objeto exterior.**

• Freud, quando em 1899 usa pela primeira vez o termo “auto-erotismo” (*ver este termo*), emparelha-o com auto-erotismo, que se subdivide por sua vez em homo-erotismo (satisfação encontrada graças a um objeto do mesmo sexo; homossexualidade) e em hetero-erotismo (*satisfação* encontrada graças a um objeto do outro sexo: heterossexualidade) (1). Este termo, pouco usado, foi retomado por E. Jones.

(1) Cf. FREUD (5.), *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*, 1887-1902. AI., 324; Ing., 303; Fr., 270.

#### ALTERAÇÃO DO EGO ou ALTERAÇÃO DO EU

—D.: Ichveränderung. —F.: altération du moi. —E.,,: alteration of the ego. —Es.: alteración del yo. —I,: modificazione dell'io.

• **Conjunto das limitações e das atitudes anacrônicas adquiridas pelo ego durante as fases do conflito defensivo, e que repercutem desfavoravelmente nas suas possibilidades de adaptação.**

• A expressão “alteração do ego” aparece exatamente no princípio e no fim da obra de Freud, em dois contextos bastante diferentes.

Em *Novas observações sobre as psiconeuroses de defesa* ( *Weitere Bemerkungen* - 15

#### ALTERAÇÃO DO EGO ou ALTERAÇÃO DO EU

*kungen Überdies Abwehr-Neuropsychosen*, 1896) Freud, a propósito da paranóia, distingue, do delírio como retorno do reprimido um delírio secundário, o delírio de interpretação também chamado delírio “conibatório” ou delírio “de assimilação”. Esta seria a marca de uma adaptação do ego à idéia delirante: o paranóico acabaria por ser um espírito falso na sua tentativa de atenuar as contradições entre a idéia delirante primária e o funcionamento lógico do pensamento.

Em *Análise tennindvel e interminável (Die en.dliche und die unendliche*

*Analise*, 1937), Freud trata de forma relativamente sistemática daquilo que se costuma designar de modo tão indeterminado pela expressão ‘alteração do ego’ “(la). Prolongando a obra de Anna Freud sobre os mecanismos de defesa, que havia sido publicada recentemente (1936), ele mostra como estes, originariamente constituídos para enfrentarem perigos internos determinados, podem acabar por “fixar-se no ego” e constituir “modos reacionais regulares do caráter” que o sujeito repete ao longo da sua vida, utilizando-os como instituições anacrônicas mesmo que a ameaça primitiva tenha desaparecido (1h). O enraizamento de tais hábitos defensivos leva a “distorções” (*Venenkungen*) e “limitações” (*Einschrnkunge*, 4. O trabalho terapêutico torna-os particularmente manifestos, uma verdadeira resistência opondo-se à descoberta das próprias resistências. A alteração do ego deveria ser sobretudo comparada a uma montagem de comportamento, podendo mesmo, como mostrou a escola etologista acerca dos comportamentos instintuais, funcionar “no vazio”, ou até criar artificialmente para si situações motivadoras: o ego “vê-se impelido a ir buscar na realidade as situações que possam substituir aproximativamente o perigo originário” (le). O que Freud tem aqui em vista é algo diferente da repercussão direta do conflito defensivo no ego (o próprio sintoma pode ser considerado como uma modificação do ego, um corpo estranho dentro dele; assim, a formação reativa também modifica o ego).

Estes dois textos em que Freud fala das alterações do ego têm mais de um ponto em comum. A alteração do ego é concebida em ambos os casos como secundária, distanciada do conflito e daquilo que traz a marca do inconsciente. Neste sentido, ela ofereceria uma dificuldade especial ao tratamento, pois a elucidação do conflito tem pouca influência sobre as modificações inscritas no ego deforma irreversível, a tal ponto que houve quem as comparasse a “perturbações lesionais do organismo” (2). Por outro lado, a referência à psicose, central no primeiro texto, está igualmente presente no segundo; o ego de todo ser humano “aproxima-se do [ego] do psicótico nesta ou naquela das suas partes, em maior ou menor proporção” (1 ft

## AMBÍVALÊNCIA

### ALVO PULSIONAL

Ver: Meta pulsional

### AMBIVALÊNCIA

D.: Anhivalenz. – F: ambivalence. – En.: ambivalence. – Es.: ambivalencia.

– I.: ambivalenza.

• *Presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos apostos, fundamentalmente o amor e o ódio.*

• Freud emprestou o termo ‘ambivalência’ de Bleuler, que o criou (1). Bleuler considera a ambivalência em três domínios. Voluntário (*Ambitendenz*): o sujeito quer ao mesmo tempo comer e não comer, por exemplo. Intelectual: o sujeito enuncia simultaneamente uma proposição com seu contrário. Afetivo: ama e odeia em um mesmo movimento a mesma pessoa.

Para Bleuler, a ambivalência é um sintoma preponderante da esquizofrenia (2), mas ele reconhece a existência de uma ambivalência normal.

A originalidade da noção de ambivalência, relativamente ao que já fora descrito como complexidade de sentimentos ou flutuações de atitudes, reside, por um lado, na manutenção de uma oposição do tipo sim-não, em que a afirmação e a negação são simultâneas e indissociáveis; e, por outro lado, no fato de que essa oposição fundamental pode ser encontrada em diversos setores da vida psíquica. Bleuler acaba por privilegiar a ambivalência afetiva, e é este o sentido que orienta o seu uso por Freud.

O termo aparece em Freud pela primeira vez em *A dinâmica da transferência*, na (*Zur Dynamik der Übertragung*, 1912), para traduzir o fenômeno de transferência negativa: “nós encontramos ao lado da transferência terna, muitas vezes ao mesmo tempo, e tendo como objeto uma só pessoa. [...] É a ambivalência das intenções afetivas (*Gefühlstrichtung*), que nos permite compreender melhor a aptidão dos neuróticos para pôrem a sua transferência a serviço da resistência” (3). Mas a ideia de uma conjunção do amor e do ódio encontra-se anteriormente, por exemplo nas análises do *Pequeno Hans* (4) e do *Homem dos ratos*: “Trava-se uma batalha no nosso protagonista entre o amor e o ódio dirigidos à mesma pessoa.” (5)

Em *Pulsões e destinos das pulsões (Triebe und ?Webschicksate*, 1915),

Freud fala de ambivalência a propósito do par de opostas atividade-passividade “a moção pulsional ativa coexiste com a moção pulsional passiva (Ga). Esta utilização muito ampla do termo “ambivalência” é rara. No mesmo texto, é a oposição “material” amor-ódio, em que é visado um único e mesmo objeto, que permite fazer ressaltar mais nitidamente a ambivalência. A ambivalência pode sobretudo ser evidenciada em certas afecções (psicoses. neurose obsessiva) e em certos estados (ciúme, luto). Caracteriza cer-

## AMBIVALÊNCIA

tas fases da evolução libidinal em que coexistem amor e destruição do

objeto (fases sádico-oral e sádico-anal).

Neste sentido, ela torna-se, para Abraham, uma categoria genética, que permite especificar a relação de objeto própria de cada fase. A fase oral primária é qualificada de pré-ambivalente: “[A sucção é na verdade uma incorporação, mas que não põe fim à existência do objeto’ (7). Para esse autor, a ambivalência só aparece com a oralidade sádica, canibalesca\*, que implica uma hostilidade para com o objeto; depois o indivíduo aprende a poupar o seu objeto e a salvá-lo da destruição. Por fim, a ambivalência pode ser superada na fase genital (pós-ambivalente). Nos trabalhos de Melanie Klein, na esteira dos de Abraham, a noção de ambivalência é essencial. Para ela, a pulsão já de início é ambivalente: o “amor” do objeto não se separa da sua destruição; a ambivalência torna-se então uma qualidade do próprio objeto, contra a qual o sujeito luta, clivando-o em objeto bom” e “mau”: um objeto ambivalente, ao mesmo tempo idealmente benéfico e essencialmente destruidor, não se poderia tolerar.

4

O termo “ambivalência” é muitas vezes utilizado em psicanálise com uma acepção muito ampla. Pode efetivamente servir para designar as ações e os sentimentos resultantes de um conflito defensivo em que entram em jogo motivações incompatíveis; visto que aquilo que é agradável para um sistema é desagradável para outro, pode-se qualificar de ambivalente qualquer “formação de compromisso”. Mas o termo “ambivalência” pode então conotar todas as espécies de atitudes conflituais de maneira vaga. Para que conserve o valor descritivo, e mesmo sintomático, que originalmente teve, conviria recorrer a ele na análise de conflitos específicos, em que a componente positiva e a componente negativa da atitude afetiva estão simultaneamente presentes, indissolúveis, e constituem uma oposição não dialética, insuperável para o sujeito que diz ao mesmo tempo sim e não.

Para explicar a ambivalência, em última análise, será preciso postular, como implica a teoria freudiana das pulsões, um dualismo fundamental? E assim que a ambivalência do amor e do ódio se explicaria pelas suas evoluções específicas: o ódio encontra a sua origem em pulsões de autoconservação (“o seu protótipo está nas lutas do ego para se manter e se afirmar) (6b); o amor encontra a sua origem nas pulsões sexuais. A oposição das pulsões de vida e das pulsões de morte da segunda concepção de Freud iria enraizar de maneira ainda mais clara a ambivalência num dualismo pulsional (ver: fusão –desfusão).

Note-se que Freud, no final da sua obra, tende a dar à ambivalência maior importância na clínica e na teoria do conflito, O conflito edípiano,

nas suas raízes pulsionais, é concebido como conflito de ambivalência (*Am bivalen Konflikt*), uma vez que uma das suas principais dimensões é a oposição entre um amor fundamentado e um ódio não menos justificado,

ambos dirigidos à mesma pessoa (8). Nesta perspectiva, a formação dos

18 sintomas neuróticos é concebida como a tentativa de conseguir uma solu

## AMBIVALENTE, PRÉ-AMBIVALENTE, PÓS-AMBIVALENTE

ção para tal conflito: é assim que a fobia desloca uma das componentes, o Ódio, para um objeto substitutivo; a neurose obsessiva tenta recalcar a moção hostil reforçando a moção libidinal sob a forma de formação reativa\*. Esta diferença de foco na concepção freudiana do conflito é interessante pelo fato de enraizar o conflito defensivo na dinâmica pulsional e por incitar a procurar por trás do conflito defensivo, na medida em que este põe em jogo as instâncias do aparelho psíquico, as contradições inerentes à vida pulsional.

(1) CY BLItl.ER (E.). *Vortrag übn Amhimlenz*, 1910. In *Zenimiblan für lsrhalyse*, 26ü.

(2) 6/ Bl.F.rj .E.m (E.). *Dencnlia raeex ode, Gntppe der Schizophrenien*, Leipzig e Viena. 1911.

(3) FREVI (5.), G.W., VII, 372-3; SE., XII, 106-7; Fr., 58-9.

(4) 6/ FREIrU (5.), *Analv.e der Phohie cinc fünfjähriigen Knuhen*, 1909. G.W., VII, 24[-377; SE., >,5- 149; Fr., 93-198.

(5) Fit (S.). *&rnerkungen kher cuLen IW! um Zzmngsrn'urrme*, 1909. G.W., VII, 413; SE., X, 19; Fr., 223.

(6) FRFrfl (5.). *Triebu und Tr\*'b.schick&ile*, 1915. –a) G.W., X, 223-4; SE., XIV, 131; Fr.,5I. –b)G.W., X, 230; S XIV, 138; Fr., 63.

(7) AlMAL IAM (1K.), ‘,siwh cine, E,ilwirkungsgeschiehte der LiNdo au! Grmd der Psvehoanalyse welisclu'r Sbungen. 1924. Fr. II 276.

(8) FRE[’u (S.), ![nnmung, Svnptom und Anpd, 192(3, G.W., XIV, 130; S,E., XX, 102; Fr., 20.

## AMBIVALENTE, PRÉ-AMBIVALENTE, PÓS-AMBIVALENTE

–Ti: aml.jvalent, prã-ambivalent, post-ambivalent. –F: arnhivalent, préarnbivalent. postarnbivalent. –Eu.:

arnbivalent, prae-ambivalent, post-ambivalent. –Es.:

ambivalente, preambivalente. postambivalente. —I: ambivalente. prearnhivalente, postambivalente,

• **Termos introduzidos por K. Abraham,:** qualificam, do ponto de vista da relação com o objeto, a evolução das fases libidinais. A fase oral no seu primeiro estágio (sucção) seria pré-ambivalente; a ambivalência apareceria no segundo estágio (mordedura) para culminar na fase anal, continuar na fase fãlica e só desaparecer depois da fase de latência! com a instauração do amor de objeto genital.

• Remetemos o leitor para o artigo de K. Abrahami *Ve,sueh cine, Eniwicklun geschichte der Libido auf (hu,,d*

der Psychoanalyse seelischer Slörungen (Esboço de uma história do desenvolvimento da libido na psicanálise e das perturbações psíquicas, 1924).

Podemos, além disso, referir-nos ao quadro ontogenético apresentado por R. Fliess (1).

Ver: ambivalência e os artigos consagrados às diferentes fases da liN (lo.)

19

#### AMNÉSIA INFANTIL

#### AMNÉSIA INFANTIL

–D.: infantile Amnesie. –F.: amnésie infantile. –En.: infantile amnesia. –E.:

amnesia infantil. –1 amnesia infantil.

• **Amnésia que geralmente cobre os fatos dos primeiros anos da vida. Freud vê nela algo diferente do efeito de uma incapacidade funcional que a criança teria de registrar as suas impressões; ela resulta do recalque que incide na sexualidade infantil e se estende quase totalidade dos acontecimentos da infância, O campo abrangido pela amnésia infantil encontraria o seu limite temporal no declínio do complexo de Édipo e entrada no período de latência.**

• A amnésia infantil não é uma descoberta da psicanálise. Mas, diante da aparente evidência do fenômeno, Freud não se contentou com uma explicação pela imaturação funcional; apresentou uma explicação específica. Tal como a amnésia histórica, a amnésia infantil pode de direito ser dissipada: não se trata de uma abolição ou de uma ausência de fixação das recordações, mas do efeito de um recalque (1). Freud, de resto, vê na amnésia infantil a condição dos recalques ulteriores, e em particular da amnésia histórica. (Sobre a questão da amnésia infantil ver especialmente a referência abaixo indicada.)

(1) cf Fliess (5.), *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, \*, 1905, G.W., '1, 175-7: SE., VII, 174-6; Fr., 66-9.

#### ANÁCLISE

Ver: Apoio

#### ANACLÍTICA (DEPRESSÃO —)

–12: Anlehnungsdepressinn. –F.: dépression anaclitique. –En.: anaclitic depression. –Es.: depresión anaclítica, –1: depressione anaclitica.

• **Expressão criada por René Spitz (1): perturbações que evocam clinicamente as da depressão no adulto e que aparecem progressivamente na criança que sofreu privação da mãe depois de ter tido com ela, pelo menos durante os seis primeiros meses de vida, uma relação normal.**

• O leitor deverá consultar o verbete seguinte, onde encontrará observações terminológicas sobre o adjetivo *anaclítico*,

Quanto ao quadro clínico da depressão anaclítica, é assim descrito por

R. Spitz (2a):

‘Primeiro mês. –As crianças tornam-se chorosas, exigentes, e agarram-

20 se ao observador que entra em contato com elas.

#### ANACLÍTICO

*Segundo mês.* –Recusa de contato. Posição patognomônica (as crianças deixam-se ficar a maior parte do tempo deitadas de bruços no berço). Insônia. Continua a perda de peso. Tendência para contraírem doenças intercorrentes. Generalização do atraso motor. Rigidez da expressão facial.

‘Depois do 3 mês. –A rigidez do rosto estabiliza-se. Os choros cessam e são substituídos por raros gemidos, O atraso aumenta e torna-se letargia.

“Se, antes de ter passado um período crítico situado entre o fim do 3º e o fim do 5º mês, a mãe for devolvida à criança, ou se se consegue achar um substituto que seja aceitável para o bebê, o distúrbio desaparece com surpreendente rapidez.”

Spitz considera “a estrutura dinâmica da depressão anaclítica essencialmente diferente da depressão no adulto” (2b).

(1) Spitz (li-A), **Anaclitic Depression**, in *Tim Psycho-Analytic Study of the Child*, I.U.P., Nova Iorque, li, 1946, 313-42,

(2) Spitz (R-A), *Li, první & année de la vie de l'enfant*, P.U.F., Paris, 1953. –a) fl9-21.

–/.) 12]; [Ed bras. *O primeiro ano de vida*, Martins Fontes. 5. Paulo. 4 cd., 1987— a tradução francesa citada pelos autores difere parcialmente da versão brasileira feita a partir do original inglês; ver cd. bras. p. 202.]

#### ANACLÍTICO

–[1: Anlehnungs. –F.: anaclitique. –En.: anaclitic, attachment. –Es.: anaclítico. –/\* anaclítico ou per appoggio.

Ver: Apoio e Escolha de objeto por apoio

• 1) O adjetivo *anaclítico* (do grego ἀνακλίνω, deitar-se sobre, apoiar-se em) foi introduzido na literatura psicanalítica de língua inglesa e retomado por tradutores franceses para traduzir o genitivo *Anlehnungstypus der Objektwahl* (traduzido geralmente por “tipo de escolha anaclítica de objeto”). Mas o que escapa necessariamente ao leitor que lê as obras de Freud em tradução é que o conceito de *Ahtehnung* constitui uma peça fundamental da primeira teoria freudiana das pulsões; Freud refere-se a ele em muitas outras ocasiões além daquelas em que trata da escolha de objeto “anaclítica”: encontramos, por diversas

vezes, ou a forma substantiva *Anlehnung*, ou formas verbais como *sich an (clivas) anlehnen*. Ora, estas formas são traduzidas para o inglês e para o francês de maneira variável (*a*), de modo que o conceito de *Anlehnung* não foi nitidamente apreendido pelos leitores de Freud.

Portanto, surge hoje uma questão de terminologia. O termo “anaclítico” já faz parte do vocabulário internacional da psicanálise; não seria possível suprimi-lo. Mas em francês o substantivo *anacflse* (anáclise), que traduziria *Anlehnung*, não é admitido (3). Os termos *anacflse*, *anacfltique* (anáclise, anaclítico) apresentam, aliás, o inconveniente de serem palavras cru-

#### ANAGÓGICA (INTERPRETAÇÃO —)

ditas forjadas artificialmente, enquanto *Ankhnung* pertence à linguagem comum. Por isso os autores deste *Vocabulário* propuseram como equivalente *étayage* (apoio), que já foi utilizado por certos tradutores (particularmente por B. Reverchon-Jouve na sua tradução francesa dos *Trés essais sobre a teoria da sexualidade* [*Drei Abhandlungen zur Sexua?theorie*, 19051) e que tem a vantagem de poder encontrar-se, tal como *Anlehnung*, na forma verbal: *s'étayer sur* (apoiar-se em). Até a expressão consagrada “tipo de escolha anaclítica de objeto” deveria ser substituída por “tipo de escolha de objeto por apoio”.

2) O termo “anaclítico” é às vezes utilizado num sentido menos rigoroso, que não está diretamente relacionado com o uso do conceito na teoria freudiana, por exemplo na expressão *depressão anaclítica\** (*a, iacfltic depression*).

À (*a*) Por exemplo, no que se refere à forma verbal, pelos equivalentes de: estar ligado a, estar baseado em, apoiar-se em, etc.

( ) Em contrapartida, não existe em alemão um adjetivo formado a partir de *Anlehnung* e que corresponda a anaclítico.

#### ANAGÓGICA (INTERPRETAÇÃO —)

-*D*: anagogische Deutung. -*F*.: interprétation anagogique. -*En*.: anagogic interpretation. -*Es*.: interpretación anagógica. -*I*.: interpretazione anagogica.

• **expressão usada por Silberer: modo de interpretação das formações simbólicas (mitos, sonhos, etc.) que explicitaria a sua significação moral universal. Como orienta o símbolo para “ideais elevados”, estaria, então, em oposição à interpretação analítica, que reduziria os símbolos ao seu conteúdo particular e sexual.**

• A noção de interpretação anagógica (do grego *àváyç* -levar para o alto) pertence à linguagem teológica, onde designa a interpretação “que se eleva do sentido literal para um sentido espiritual” (Littré). Surge como a fase mais evoluída do pensamento de Silberer sobre o simbolismo. Foi desenvolvida em *Problemas da mística e do se, j simbolismo* (*Probleme der Mystik und ihrer Symbolik*, 1914). Silberer encontra uma dupla determinação nas parábolas, ritos, mitos, etc.; por exemplo, o mesmo símbolo que representa em psicanálise a morte do pai é interpretado anagógicamente como “morte do velho Adão” em nós (1a). Esta oposição vem juntar-se à do fenômeno material” e do “fenômeno funcional” (ver *este termo*) no sentido mais amplo que Silberer acabou por lhe dar. A diferença entre “funcional” e “anagógico” está apenas em que o verdadeiro fenômeno funcional descreve o estado ou o processo psíquico atual, enquanto a imagem anagógica parece indicar um estado ou um processo que deve ser vivido (*enchi n'erden sol?*)’ (1h). A interpretação anagógica tenderia, pois, para a formação de novos símbolos funcionais cada vez mais universais, representando os grandes problemas éticos da alma

#### ANÁLISE DIDÁTICA

humana. Silberer julga, aliás, verificar essa evolução nos sonhos no decorrer do tratamento psicanalítico (1c). Freud e Jones criticaram essa concepção. Freud vê na interpretação anagógica apenas um regresso às idéias psicanalíticas que tomam por sentido último dos símbolos o que na realidade deriva deles por formação reativa\*, racionalização, etc. (2). Jones aproxima a interpretação anagógica da significação “prospectiva” atribuída por Jung ao simbolismo: “Admitese que o símbolo é a expressão de um esforço que visa um ideal moral elevado, esforço que, por não atingir esse ideal, detém-se no símbolo; supõe-se, no entanto, que o ideal final está implícito no símbolo, e é simbolizado por ele” (3)

(1) Cf. Silberer (Hj). *Probleme der Mystik und ihrer Symbolik*, ilugolielier. Viena e Leipzig, 1914. -a) 168. -h) 155. -c) 153.

(2) cf. FRKUD (8.), *Traum und Telepathie*, 1922, G.W., XIII, 187; SE., XVIII, 216.

(3) JONES (E.), *The Theun' nf SymbnHrn*, 1948. In *Papcrs ou Psychu-analvsvs*, Bailliére, Inndres, 51 cd., 1950, 136 (*Lf.*, para a crítica do conjunto da teoria de Silberer. todo o rap. Iv).

#### ANÁLISE DIDÁTICA

-*I2*: Lchranalyse, didaktische Analyse. -*F*.: analyse didactique. -*En*.: training analysis. -*Es*.: análisis didáctico. -*I*.: analisi didattica,

• **Psicanálise a que se submete aquele que se destina ao exercício da profissão de psicanalista e que constitui a vigia mestra da sua formação.**

• A descoberta da psicanálise está intimamente ligada à exploração pessoal que Freud realizou sobre si mesmo (ver:

auto-análise). Percebeu logo de início que somente pelo conhecimento do próprio inconsciente se podia chegar à prática da análise. No Congresso de Nurembergue, em 1910, Freud afirma que uma *Selbstanalyse* (literalmente análise de si próprio) é a condição exigível para que "...o médico possa reconhecerem si a contratransferência e dominá-la" (1). Freud estaria pensando aqui na auto-análise, ou em uma psicanálise exercida por um terceiro? O termo *Selbstanalyse* não permite uma resposta. A partir do contexto é lícito pensar que se trata antes de uma auto-análise, mas, se nos reportarmos ao relatório do Congresso apresentado por Otto Rank (2), Freud tinha em vista igualmente a instituição da análise didática. Seja como for, parece que a seus olhos, naquela data, o valor insubstituível da análise didática relativamente à auto-análise não estava ainda firmemente estabelecido, Esse valor formativo de uma análise pessoal é reconhecido com mais nitidez em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (Ratschläge für den Arzt bei der psychoanalytischen Behandlung, 1912)*; esse valor é relacionado com a teoria segundo a qual o analista "...deve voltar para o inconsciente do doente, emissor, o seu próprio inconsciente como órgão receptor" (3a). Para isto, o analista tem de ser capaz de se comunicar mais 23

## ANÁLISE DIDÁTICA

livremente com o seu próprio inconsciente (**ver:** atenção fluante), e é precisamente isso que a análise didática deve em princípio permitir; Freud presta homenagem à escola de Zúrique por ter apresentado a exigência segundo a qual quem quiser praticar análises sobre outros deve primeiro submeter-se a uma análise realizada por alguém com experiência' (3b).

Foi em 1922, no Congresso da Associação Psicanalítica Internacional, dois anos após a fundação do Instituto de Psicanálise de Berlim, que se apresentou a exigência da análise didática para todo e qualquer candidato a analista.

Parece que foi Ferenczi quem mais contribuiu para salientar a função da análise didática, na qual vê a segunda regra fundamental da psicanálise" (4). Para Ferenczi, a análise didática não é menos completa nem menos profunda do que a análise terapêutica: Para resistir firmemente a essa investida geral do paciente, é preciso que o analista também tenha sido plena e completamente analisado. Falo isso porque muitas vezes se julga suficiente que um candidato passe, por exemplo, um ano familiarizando-se com os principais mecanismos naquilo a que se chama a sua análise didática. Quanto ao seu progresso ulterior, confia-se no que virá a aprender no decorrer da própria experiência. Já afirmei muitas vezes, em ocasiões anteriores, que em princípio não posso admitir qualquer diferença entre uma análise terapêutica e uma análise didática, e quero agora acrescentar a seguinte idéia:

enquanto nem todos os empreendimentos com fins terapêuticos precisam ser levados até a profundidade que temos em vista quando falamos de uma terminação consumada da análise, o próprio analista, do qual depende a sorte de tantas outras pessoas, deve conhecer e controlar mesmo as fraquezas mais secretas do seu caráter, e isto é impossível sem uma análise plenamente acabada." (5)

As exigências formuladas por Ferenczi são hoje amplamente aprovadas (&); tendem a fazer da análise pessoal daquele que se destina à análise algo em que se dilui a aquisição de conhecimentos pela experiência, aspecto que o termo didático põe inevitavelmente em primeiro plano.

O problema simultaneamente teórico e prático inerente à própria noção e à institucionalização da análise didática –isto é, como pode uma

análise ser de saída orientada para uma finalidade específica, para uma representação-meta" tão pregnante como a de obter de uma instituição, onde a avaliação do analista didata desempenha um papel importante, a habilitação para exercer a sua profissão? –é objeto de discussões que prosseguem sempre no movimento psicanalítico (3).

**a** («) Freud. por seu lado, permaneceu bastante reservado quanto às possibilidades oferecidas pela análise didática; em *Análise ter,ni,uhl e intennindvel {Die endliche und (titL' unendéjrhc Ana Iyse, 1937). mantém ainda que a análise didática, ...por razões práticas, só pode ser curta e incompleta: a sua finalidade principal é permitir ao analista que ensina avaliar se o candidato está apto a prosseguir nos seus estudos. Ela desempenhou a sua função quando peiritiu*

ao **aluno convencer-se** de modo seguro da **existência** do inconsciente, quando lhe penuitiu ad-  
24 quiriir **acerca** de si mesmo, raças à **emergência** do **recalcado**, noções que, sem a análise, per

# 11

## ANÁLISE DIRETA

maneceriam inacreditáveis para ele, e quando lhe mostrou numa primeira amostra a técnica que só foi validada pela atividade psicanalítica" (6).

(1) Sobre os problemas colocados pela função analítica e a sua história no movimento. ver: I3alint, O., *thePsychw>analytir*

## ANÁLISE DIRETA

-D.: direkte Analyse. -E: analyse directe. -En.: direct analysis. -Es.: análisis directo, -I.: analisi diretta.

• **Método de psicoterapia analítica das psicoses preconizado por J. N. Rosen. Seu nome é tirado da utilização de “interpretaç.3es diretas” fornecidas aos pacientes e que se caracterizam do seguinte modo:**

a) **incidem sobre conteúdos inconscientes que o sujeito exprime verbalmente ou não (mímica, posição, gestos, comportamento);**

» **não exigem a análise das resLstências;**

e) **não recorrem necessariamente à mediação de elos associativos.**

**Este método compreende, além disso, uma série de processos técnicos destinados a estabelecer uma estreita relação afetiva, de “inconsciente a inconsciente”, na qual o terapeuta “deve tornar-separa o paciente a figura maternal que não cessa de dar e proteger” (ia).**

• Este método foi exposto e enriquecido por J. N. Rosen a partir de 1946. O termo “direto” caracteriza sobretudo um tipo de interpretações. Estas fundamentam-se na teoria segundo a qual nas psicoses, e particularmente na esquizofrenia, o inconsciente do sujeito, desbordando as defesas, se exprime a descoberto em suas palavras ou seus comportamentos. A interpretação direta não faria mais do que explicitar mais claramente o que o sujeito já sabe. Sua eficácia não está ligada, portanto, a um progresso no *insight*, mas ao estabelecimento e consolidação de uma transferência positiva: o paciente sente-se *compreendido* por um terapeuta ao qual atribui a compreensão todo-poderosa de uma mãe ideal; tranqüiliza-se com palavras que visam o conteúdo infantil das suas angústias mostrando a inanidade delas. Além das interpretações, a análise “direta”, no sentido amplo do termo, compreende um certo número de processos ativos, muito afastados da neutralidade que é de regra na análise dos neuróticos, sendo finalidade de todos eles fazer o terapeuta penetrar no universo fechado do psicótico. Assim é que o terapeuta conseguiria desempenhar a função de uma mãe ter- 25

## ANGÚSTIA ANTE UM PERIGO REAL

na e protetora, reparando progressivamente as frustrações graves que o sujeito teria sofrido sempre na infância por causa de uma mãe de instinto maternal pervertido (Ib).

(**Ver também:** interpretação direta; maternagem.)

## ANGÚSTIA ANTE UM PERIGO REAL

-D.: Realangst. -E.: angoisse devant un danger réel. -En.: realistic anxiety. -Es.: angustia real. -I.: angoscia di fronte a una situazione reale.

• **Termo (Realangst) utilizado por Freud no quadro da sua segunda teoria da angústia: angústia perante um perigo exterior que constitui para o sujeito uma ameaça real.**

• O termo alemão *Realangst* é introduzido em *Inibição, sintoma e angústia (Hemmung, Symptom uni! Angst*, 1926). Pode prestar-se a diversos mal- entendidos que o equivalente que propomos procura evitar.

1? Em *Realangst*, **Real** é substantivo; não qualifica a própria angústia, mas aquilo que a motiva. A angústia ante um perigo real opõe-se à angústia ante a pulsão. Para determinados autores, e em particular para Anna Freud, a pulsão só seria ansiógena na medida em que ameaçasse suscitar um perigo real; a maior parte dos psicanalistas sustentam a existência de uma ameaça pulsional geradora de angústia.

2? A tradução por “angústia ante o real” teria o inconveniente de dar a entender que é a realidade como tal o motivo de angústia, ao passo que se trata de certas situações. Eis por que propomos o equivalente de “angústia ante um perigo real”.

Sem entrar na teoria freudiana da angústia, note-se que o âmbito do termo *Angst*, em alemão e no seu emprego freudiano, não é exatamente o mesmo do termo “angústia”. Expressões correntes como *ich habe Angsi vor...* são traduzidas por “tenho medo de...”. A oposição freqüentemente admitida entre o medo, que teria um objeto determinado, e a angústia, que se definiria pela ausência de objeto, não se ajusta com exatidão às distinções freudianas.

## ANGÚSTIA AUTOMÁTICA

-D.: autornatische Angst. -F: angoisse automatique. -En.: automatic anxiety. -Es.: angustia autotnática. -I: angoscia automatica.

• **Reação do sujeito sempre que se encontra numa situação trauniá26 tica, isto é, submetido a um afluxo de excitações, de origem externa**

## ANULAÇÃO (— RETROATIVA)

**ou interna, que é incapaz de dominar. A angústia automática opõe-se para Freud ao sinal de angústia**

• A expressão foi introduzida na reformulação feita por Freud da sua teoria da aigústia em *Inibição, sintoma e angntia (Hemmung, Symptom undAngsl*, 1926); pode ser compreendida por comparação com a noção de sinal de

angústia.

Em ambos os casos, ... como fenômeno automático e como sinal de alarme a angústia deve ser considerada como um produto do estado de desamparo psíquico do lactente, que é evidentemente a contrapartida do seu estado de desamparo biológico” (1). A angústia automática é uma resposta espontânea do organismo a essa situação traumática ou à sua reprodução.

Por “situação traumática” deve-se entender um afluxo incontrolável de excitações variadas demais e intensas demais. Esta é uma idéia muito antiga em Freud; nós a encontramos nos seus primeiros escritos sobre a angústia, onde esta é definida como resultante de uma tensão libidinal acumulada e não descarregada.

A expressão “angústia automática” indica um tipo de reação; nada diz da origem interna ou externa das excitações traumatizantes.

(1) FREUD .), G.W., xlv, 168; SE., Xx, 138; Fr., 62.

#### ANULAÇÃO (— RETROATIVA)

-D.: Ungeschehenmachen. -F.: annulation rétroactive. — E,,,: undoing (what has be donc), -Es.: anulaci6n retroactiva. -I.: rendere n°11 accaduto ou annullaren w retroattivo.

• **Mecanismo psicol6gico pelo qual o sujeito se esforça por fazer com que pensamentos, palavras, gestos e atos passados não tenham acontecido; utiliza para isso um pensamento ou um comportamento com uma significação oposta.**

**Trata-se aqui de uma compulsão de tipo “mágico”, particulannente característica da neurose obsessiva.**

• A anulação é rapidamente descrita por Freud em *O homem dos ratos*:

analisa aí ... atos compulsivos, em dois tempos, em que o primeiro tempo é anulado pelo segundo [...]. A sua verdadeira significação reside no fato de representarem o conflito de dois movimentos opostos e de intensidade quase igual, o que, segundo a minha experiência, é sempre a oposiç6o entre o amor e o ódio” (1a).

Em *Inibiç6o, sintoma e angústia (Hemmung, Symptom und Angst, 1926)*, este processo é ressaltado por Freud sob o termo *Ungeschehenmachen* (literalmente: tornar não acontecido); vê nele, com o isolamento, uma forma de defesa característica da neurose obsessiva e qualifica-a de processo mágico; mostra como ela atua especialmente nos rituais obsessivos (2a). 27

#### ANULAÇÃO (— RETROATIVA)

Anna Freud cita a anulação retroativa no seu inventário dos mecanismos de defesa do ego (3); e é geralmente como mecanismo de defesa do ego que ela é definida na literatura psicanalítica (4-a).

Notemos que a anulação retroativa se apresenta sob modalidades bastante diversas. ÀS vezes um comportamento é anulado pelo comportamento diretamente oposto (é o caso do “homem dos ratos”, que toma a pôr num caminho uma pedra que num primeiro tempo tinha retirado para que não houvesse perigo de o carro da amiga bater nela); outras vezes é o mesmo ato que é repetido, mas com significações, conscientes ou inconscientes, opostas; outras ainda, o ato de anulação é contaminado pelo ato que pretende apagar. Veja-se o exemplo dado por Fenichel (4b), que ilustra essas duas últimas modalidades: um sujeito censura-se por ter esbanjado dinheiro ao comprar o jornal; gostaria de anular essa despesa, fazendo com que lhe reembolsassem a importância gasta; não ousando fazê-lo, pensa que comprar outro jornal o aliviará. Mas a banca de jornais está fechada; então o sujeito joga no chão uma moeda do mesmo valor do jornal. Para exprimir essas seqüências, Freud fala de sintomas “difásicos”; “A uma ação que põe em execução uma determinada injunção sucede-se imediatamente outra que detém ou anula a primeira, mesmo que não chegue ao ponto de pôr em execução o seu contrário.” (2b)

Antes de classificar a anulação retroativa entre os mecanismos de defesa do ego é preciso ainda observar o seguinte: deve-se considerar o “segundo tempo” como um simples produto da defesa? A variedade dos exemplos clínicos leva a uma resposta ponderada. Com efeito, vemos a maioria das vezes que as motivações pulsionais intervêm nos dois tempos, particularmente sob a forma da ambivawncia\* amor-ódio; às vezes é até o segundo tempo que melhor evidencia a vitória da pulsão. Em um exemplo como o de Fenichel, é exatamente o comportamento no seu conjunto que forma um todo sintomático.

Note-se, aliás, nesta perspectiva, que Freud, numa época em que ainda não se acentuam os mecanismos de defesa do ego, parece fazer intervir a ação defensiva apenas numa racionalização que dissimula secundariamente a totalidade em jogo (1b).

Por fim, poderíamos distinguir aqui duas concepções, que aliás opõemse apenas como dois níveis de interpretação ou dois níveis do conflito psíquico\*: uma que acentua o conflito interpulsional em que se reencontra, em última análise, a ambivalência do amor e do ódio, e a outra que situa o conflito entre as pulsões e o ego, podendo este encontrar um aliado numa pulsão oposta àquela com que se protege.

\*

Podemos perguntar se não conviria ligar o mecanismo de anulação re troativ a um comportamento normal muito freqüente, como retratar-se

28 de uma afirmação, reparar um dano, reabilitar um condenado, atenuar o

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Vocabulário da Psicanálise Laplanche e..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).